



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**LESBIANIDADES EM PAUTA:**

**Produções discursivas sobre homossexualidade feminina na mídia jornalística da primeira metade da década de 1980, em Pernambuco.**

**RECIFE**

**2024**

NAYLLA MASCARENHAS SÖNDAHL

**LESBIANIDADES EM PAUTA:**

**Produções discursivas sobre homossexualidade feminina na mídia jornalística da primeira metade da década de 1980, em Pernambuco.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas

RECIFE

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Sondahl, Naylla Mascarenhas.

Lesbianidades em pauta: produções discursivas sobre homossexualidade feminina na mídia jornalística da primeira metade da década de 1980, em Pernambuco / Naylla Mascarenhas Sondahl. - Recife, 2024.

93f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2024.

Orientação: Benedito Medrado Dantas.

Inclui referências.

1. Lesbianidades; 2. Mídia; 3. Práticas discursivas; 4. Repertórios; 5. Produção de sentidos. I. Dantas, Benedito Medrado. II. Título.

NAYLLA MASCARENHAS SÖNDAHL

**LESBIANIDADES EM PAUTA:**

**Produções discursivas sobre homossexualidade feminina na mídia jornalística da primeira metade da década de 1980, em Pernambuco.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Benedito Medrado  
(Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lenise Santana Borges  
(Examinadora Externa 1)  
Universidade Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Viviane Melo de Mendonça  
(Examinadora Externa 2)  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Lopes de Melo  
(Suplente Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof Dr Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca  
(Suplente Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

À vovó Lucy (em memória),  
por ter me inspirado a ter persistência  
e coragem para perseguir meus objetivos.

*Aquela moça  
Que mexe comigo  
De uma forma  
Que eu nem acredito  
Quando eu a vejo  
Ela emana uma luz  
O meu desejo agora  
É minha cruz*

*Quando ela passa  
Meu mundo para  
Eu sinto e vejo  
A sua aura*

*Aquela moça  
É especial  
Quando ela canta, me encanta  
Sensacional*

*Eu sei e eu tenho  
Plena consciência  
Que esse sentimento, menino  
É minha penitência  
Mas eu não ligo  
Só não quero perder  
Aquela moça, amigo  
Pra você*

*Eu mergulhei  
Naqueles olhos  
Como se fosse os olhos dela  
Eu acordei  
Com um gosto doce na boca  
Como se fosse o beijo dela*

*E eu só penso nela  
Eu só penso nela*

*Eu penso nela o dia inteiro  
Desde o momento em que primeiro ela me olhou  
E sorriu*

*Só penso nela, só penso nela*

**Aquela Moça**  
Bia Ferreira  
(Álbum “Igreja Lesbiteriana. Um Chamado”, de 2019)

## AGRADECIMENTOS

Escrever a seção de agradecimentos talvez seja tão difícil quanto escrever um texto de dissertação de mestrado propriamente dito. Fazer o exercício de lembrar de todas as pessoas que estiveram me acompanhando nesse processo, ou que fizeram parte da minha caminhada para chegar onde estou é complexo. O medo de esquecer de agradecer a alguém é muito grande.

Primeiramente, agradeço a minha mãe, Daniele, por ser minha melhor amiga desde sempre, meu modelo de força, resiliência e dedicação. Por ter me ensinado desde cedo que buscar conhecimento nunca é perda de tempo, e que sempre temos muito mais a aprender. Se eu cheguei aqui, foi porque ela esteve me apoiando, nas boas e nas más escolhas do caminho.

Vovó Lucy (em memória) e Vovô Careca (em memória), por terem me acolhido em sua casa, investido na minha educação quando eu mesma não tinha mais motivação nem propósito. Por não terem em um momento sequer questionado as mudanças de área de estudo, mas, acima de tudo, terem vibrado junto comigo em minhas conquistas, como se fossem suas próprias.

A minhas tias Cláudia e Sandra, que foram também um pouco minhas mães e me acolheram nos momentos em que precisei de um lar para continuar em meu caminho de formação acadêmica. Me sentir acolhida fez com que, mesmo nos momentos de maior cansaço, eu tivesse um incentivo para continuar.

A meus irmãos, Leon e Luan, que apesar dos desentendimentos e aperreios, são sempre porto seguro. As chamadas de vídeo regadas a piadas, risadas e às vezes lágrimas foram combustível durante toda essa caminhada.

A Samminha, minha prima-mestra, pelo companheirismo desde os tempos de infância, apesar de nossas distâncias geográficas. Obrigada por entender todos os momentos de desespero durante o período do mestrado, e por ter sido minha inspiração para perceber que uma hora os humilhados são exaltados.

A Camila, meu amor, minha namorada, companheira, minha maior incentivadora, que me motiva com salgadinhos, docinhos e muito carinho e compreensão. Ter sua companhia em todo o processo, desde a seleção até a escrita da dissertação, me deu forças para não desistir.

A meus melhores amigos, Jader e Verena, por terem me incentivado a investir nessa empreitada que foi emendar um mestrado logo após finalizar a graduação. Obrigada pela felicidade genuína em me ver conseguindo trilhar esse caminho.

A minha anja Monaliza, responsável por me ajudar a lapidar a escrita do pré-projeto, do projeto, e da dissertação. Se eu consegui passar na seleção, foi graças a sua ajuda e seu apoio. Essa dissertação só existe porque tive Mona pra me guiar.

A todas e todos os companheiros do GEMA-UFPE, por serem casa, apoio, compreensão, troca, afeto, resistência. Tudo o que eu sei sobre fazer pesquisa e sobre construir conhecimento coletivamente, é por causa desse grupo. Obrigada por terem me acolhido nesse lar, desde 2018.

A minhas colegas de turma do mestrado, em especial Julia, Izabella, Laís, por todos os momentos de compartilhamento de angústias, dificuldades, mas também por todos os momentos de conversas, desde as mais triviais às mais profundas e enriquecedoras. Construir conhecimento só faz sentido quando temos com quem compartilhá-lo.

Ao Fórum LGBT de Pernambuco, por me acolherem nesse espaço de luta e resistência, e por terem me ensinado sobre militância e luta por direitos. Participar de um espaço com tanta relevância histórica e política para o movimento por direitos LGBT+ é uma honra indescritível.

Às professoras que aceitaram fazer parte da minha banca de qualificação, Lenise Santana Borges e Ana Paula Lopes de Melo, suas observações, críticas e sugestões foram indispensáveis para me mostrar os caminhos possíveis na construção desse trabalho.

À professora Viviane Melo de Mendonça, que encarou a tarefa de avaliar o texto (quase) final da dissertação, muito obrigada pela disponibilidade, atenção e dedicação.

A Benedito, por ter me dado a oportunidade de fazer parte de seu grupo de pesquisas, e ter continuado a me orientar, mesmo quando eu não me dedicava da forma esperada. Obrigada por toda a compreensão e acolhimento, e por todas as contribuições que me fizeram acreditar na importância de fazer pesquisa.

À FACEPE pelo subsídio financeiro que possibilitou essa pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar de que formas a mídia jornalística de Pernambuco se referia às lesbianidades, nas matérias publicadas durante a primeira metade da década de 1980. A pesquisa sobre lesbianidades é marcada por invisibilidades e silenciamentos construídos historicamente. A maneira estereotipada e estigmatizada com que a lesbianidade é vista na sociedade por vezes fez com que essas mulheres escolhessem se enrustir como forma de proteção. Contudo, a década de 1980 foi marcada pelo início da construção de um movimento lésbico no estado de São Paulo. Em Pernambuco, 1980 foi o ano da institucionalização do primeiro grupo homossexual organizado do estado, em resposta às notícias sensacionalistas dos jornais da época, que criminalizavam a homossexualidade. Compreendemos que a mídia atua produzindo e reproduzindo repertórios por meio de suas publicações, podendo levar à perpetuação e cristalização de sentidos na sociedade, podendo (in)visibilizar determinados grupos e pautas. Utilizamos como base teórica-metodológica o construcionismo social, nos interessando a compreensão das práticas discursivas e produção de sentidos por meio do uso de repertórios linguísticos. Para tanto, nossas escolhas metodológicas foram no sentido de realizar uma pesquisa qualitativa documental, tendo como fonte de dados o acervo virtual da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde foram acessadas as cópias digitalizadas de edições dos jornais Diário de Pernambuco e Diário da Manhã, dos anos de 1980 a 1985. Identificamos por meio de quadros analíticos os repertórios sobre lesbianidade e lesbofobia em circulação nessas matérias, além das vozes e interlocutores acionados nos textos. Percebemos a polissemia das palavras utilizadas para nomear as lesbianidades, e diferentes compreensões acerca das vivências de mulheres lésbicas, podendo a lesbianidade ser associada a comportamentos tidos como masculinos, mas também dizendo respeito a relacionamentos conjugais não-normativos entre mulheres. O lugar da mídia na reprodução de repertórios e sentidos pôde ser observado nas menções frequentes à música Maria Sapatão, gravada pelo famoso apresentador Chacrinha, em que a figura da lésbica é utilizada como tema de carnaval. Denota-se a importância de dar visibilidade aos discursos sobre lesbianidades a partir das próprias mulheres lésbicas, em um movimento de disputa com os discursos hegemônicos, sobre os sentidos que circulam na sociedade acerca de suas vivências e afetos.

Palavras-chave: Lesbianidades. Mídia. Práticas Discursivas. Repertórios. Produção de sentidos

## ABSTRACT

The present work aims to analyze how the journalistic media in Pernambuco referred to lesbianities in articles published during the first half of the 1980s. Research on lesbianities is marked by historical invisibilities and silencings. The stereotyped and stigmatized way in which lesbianism is perceived in society sometimes led these women to choose to conceal their identities as a form of protection. However, the 1980s were marked by the emergence of a lesbian movement in the state of São Paulo. In Pernambuco, 1980 was the year of institutionalization of the first organized homosexual group in the state, in response to sensationalist news articles from that time that criminalized homosexuality. We understand that the media produces and reproduces repertoires through its publications, which can perpetuate and crystallize meanings in society, either (in)visibilizing certain groups and issues. Our theoretical-methodological framework is social constructionism, focusing on understanding discursive practices and meaning production through the use of linguistic repertoires. To this end, our methodological choices involved conducting qualitative documentary research, using the virtual collection of the Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional as a data source. We accessed digitized copies of editions of the newspapers *Diário de Pernambuco* and *Diário da Manhã* from the years 1980 to 1985. Through analytical frameworks, we identified repertoires related to lesbianism and lesbophobia circulating in these articles, as well as the voices and interlocutors invoked in the texts. We perceive the **polysemy** of the words used to name lesbianities and different understandings regarding the experiences of lesbian women. lesbianism can be associated with behaviors considered masculine, but it also pertains to non-normative conjugal relationships between women. The role of the media in reproducing repertoires and meanings becomes evident through frequent references to the song “Maria Sapatão,” recorded by the famous presenter Chacrinha, where the figure of the lesbian is used as a carnival theme. It is crucial to bring visibility to discourses about lesbianities from the perspective of lesbian women themselves, engaging in a contestation with hegemonic discourses regarding the meanings that circulate in society concerning their experiences and affections.

**Keywords:** Lesbianities. Media. Discursive Practices. Repertoires. Meanings.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por ano de publicação.....	25
Figura 2 - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por estado brasileiro.....	26
Figura 3 - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por região do Brasil.....	26
Figura 4 - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por área de conhecimento.....	27
Figura 5 - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades em estados do nordeste, por área de conhecimento.....	28
Figura 6 - Capa da edição de nº 11 do jornal Lampião da Esquina, com tema sobre mulheres e lesbianidade.....	40
Figura 7 - Capa da edição de nº 12 do jornal Lampião da Esquina, com tema sobre amor entre mulheres.....	41
Figura 8 - Coleção de capas das 12 edições do boletim Chanacomchana.....	43
Figura 9 - Imagem de divulgação do grupo de teatro Vivencial Diversiones.....	46
Figura 10 - Imagem da capa de um dos boletins publicados pelo GATHO.....	48
Figura 11 - Nuvem de palavras referentes a lesbianidades a partir do material jornalístico selecionado.....	65
Figura 12 - Nuvem de palavras referentes a lesbofobia a partir do material jornalístico diretamente relacionado à lesbianidade.....	65

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bases de dados de textos acadêmicos e científicos utilizadas na etapa de revisão da literatura .....	22
Quadro 2 - Produções acadêmicas selecionadas por meio de revisão de literatura sistemática .....	31
Quadro 3 - Quadro de análise de repertórios presentes nas matérias de jornais selecionadas.....	56

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número total de textos localizados por fonte de busca e tipo de produção textual. ....	23
Tabela 2 - Número de textos selecionados com base nos títulos relacionados à lesbianidade, por tipo de produção textual. ....	24
Tabela 3 - Número final de textos selecionados por fonte de busca e tipo de produção textual. ....	30
Tabela 4 - Resultados das buscas na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	64

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMHOR	Articulação e Movimento Homossexual de Recife e Região Metropolitana
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CCLF	Centro de Cultura Luiz Freire
DM	Diário da Manhã
DP	Diário de Pernambuco
EGHON	Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste
GALF	Grupo Ação Lésbico Feminista
GATHO	Grupo de Atuação Homossexual
GEMA	Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades
LF	Grupo Lésbico-feminista
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2</b>	<b>PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES AO CAMPO-TEMA: REVISÃO DE LITERATURA SISTEMÁTICA</b> .....	21
<b>2.1</b>	<b>Definição das fontes e termos de busca, e critérios de seleção</b> .....	21
<b>2.2</b>	<b>Produção científica localizada</b> .....	23
2.2.1	Algumas informações relevantes.....	25
2.2.2	Seleção final .....	29
<b>3</b>	<b>LESBIANIDADES</b> .....	34
3.1	Sobre (in)visibilidades lésbicas.....	34
<b>3.2</b>	<b>Os discursos sobre homossexualidade feminina no Brasil</b> .....	36
<b>3.3</b>	<b>Primeiros passos do movimento lésbico no Brasil</b> .....	38
<b>3.4</b>	<b>Participação das lésbicas no movimento homossexual pernambucano na década de 1980</b> .....	44
<b>4</b>	<b>A MÍDIA E O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL EM PERNAMBUCO</b> .....	46
4.1	Primeiros passos na institucionalização do Movimento Homossexual em Pernambuco .....	46
4.2	O lugar da mídia pernambucana na institucionalização do Movimento Homossexual em Pernambuco.....	50
<b>5</b>	<b>CAMINHOS TEÓRICOMETODOLÓGICOS</b> .....	53
5.1	A pesquisa documental e os documentos de domínio público .....	53
5.2	A configuração do nosso <i>corpus</i> de pesquisa .....	54
5.3	O jornal como prática discursiva .....	56
5.4	Práticas discursivas e a análise de repertórios .....	57
<b>6</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISE</b> .....	63
6.1	Produção jornalística selecionada .....	63
6.2	Nomeações sobre lesbianidade e lesbofobia.....	64
6.3	Modos de subjetivação lésbico nas letras dos jornais.....	67
6.4	A lesbofobia na mídia jornalística .....	72
6.5	Falando sobre atuação política: há espaço para mulheres lésbicas?.....	76
6.6	Mas afinal de contas, quem está falando sobre as lesbianidades? .....	78
6.7	Repertórios sobre lesbianidade produzidos pela mídia jornalística de Pernambuco da primeira metade da década de 1980.....	79

6.8	Repertórios sobre lesbofobia, preconceito e discriminação em relação às mulheres lésbicas .....	81
6.9	Narrativas sobre iniciativas de atuação política protagonizadas por mulheres lésbicas veiculadas nestes jornais .....	82
6.10	Vozes/interlocutores e posições em jogo identificadas nas matérias sobre lesbianidades.....	83
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>86</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os caminhos que me trouxeram até essa pesquisa, que tem grande influência da minha atuação como militante do movimento LGBT, não se inicia no movimento social. Na realidade, a inserção no ambiente de pesquisa acadêmica, no segundo período do curso de graduação em psicologia, em um grupo que preza pela integração entre universidade e atuação política e social, foi o que me aproximou do Fórum LGBT de Pernambuco, onde comecei a frequentar as reuniões como representante do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA-UFPE).

Para além de apenas representar o grupo de pesquisa ao qual sou vinculada, frequentar o Fórum significou aprender sobre uma parte da história da luta por direitos LGBT no estado de Pernambuco. Além de um espaço de discussões sobre atuação política, o Fórum é um espaço de encontro, acolhimento e reafirmação do compromisso ético com a população LGBT de nosso estado.

Na mesma medida, a escolha por trabalhar com lesbianidades vem de meus próprios atravessamentos como mulher lésbica, cis e branca, pesquisando inicialmente sobre violências sofridas por outras mulheres com vivências semelhantes à minha, e posteriormente sobre narrativas da mídia jornalística do ano de 1980 sobre lesbianidades. O desenvolvimento dessas pesquisas se deu a partir de inserção em projetos de pesquisa mais amplos, desenvolvidos no âmbito do GEMA-UFPE.

Essa dissertação surge como desdobramento de um projeto de iniciação científica vinculado ao projeto amplo intitulado “Produções culturais em gênero, sexualidade e direito: agenciamentos possíveis em tempos adversos”, coordenado pelo professor Benedito Medrado, que teve como objetivo geral analisar a produção de sentidos sobre sexualidade, gênero e direito no movimento político-cultural de luta e resistência para promoção da diversidade sexual e identidade de gênero, em Pernambuco.

A partir de um marco teórico-metodológico pós-construcionista da psicologia social, o projeto tinha como procedimentos metodológicos a realização de oficinas, análise de materiais de comunicação, além de entrevistas narrativas com integrantes do primeiro grupo organizado de luta pelos direitos LGBT do estado de Pernambuco, o Grupo de Atuação Homossexual (GATHO).

Uma dessas entrevistas foi realizada no ano de 2020, com Jackson Cavalcanti, na qual foram abordados diversos assuntos relacionados ao surgimento do grupo, as motivações para sua fundação, quem eram os integrantes, e quais as principais atividades desempenhadas pelo

GATHO no âmbito da luta por direitos na década de 1980. Nessa conversa, ficou evidente a importância do grupo no combate à narrativa propagada pela mídia jornalística da época, que se referia às homossexualidades de maneira discriminatória e pejorativa. Também ficou explícita, durante nosso diálogo, a ausência de mulheres lésbicas envolvidas diretamente como integrantes do grupo, fato que motivou tanto minha pesquisa de iniciação científica, quanto essa dissertação.

Essa motivação encontra espaço na relevância política e acadêmica do tema, na medida em que pesquisar sobre lesbianidades no Brasil é enfrentar, de maneira direta, diversos obstáculos com relação a estereótipos, estigmas e preconceitos que envolvem o tema. Marcadamente, e de maneira a influenciar todos os outros fatores citados, o maior desafio para se falar sobre as vivências de mulheres lésbicas é a ausência de uma história construída de maneira concreta sobre elas, seja na produção acadêmica, ou mesmo em outras produções textuais, como a midiática.

De forma geral, as práticas afetivo-sexuais de mulheres lésbicas sofrem de invisibilização histórica, restando a elas uma subordinação a análises baseadas na “falta”, principalmente no que diz respeito a análises psicológicas e psicanalíticas, construídas principalmente desde o século XIX.

Os modelos para tais análises têm como base majoritariamente a figura estabelecida como masculina. Até meados do século XX, as mulheres eram colocadas num lugar de ausência de desejo sexual, de maneira diametralmente oposta aos homens. Esse tipo de pensamento influencia também na ausência de compreensão, construída sociohistoricamente, acerca das relações lésbicas. À homossexualidade feminina é destinado um lugar de incompreensão e relativa invisibilidade (Borges, 2011; Sasse, 2016).

Por exemplo, no blog *Intervozes*, do portal da revista Carta Capital, Camila Nóbrega (2017) afirma que narrativas de (e sobre) mulheres lésbicas são silenciadas de maneira notável, seja na literatura, seja em diversas outras mídias de comunicação e jornalismo do país. São falas paulatinamente apagadas e/ou distorcidas. O exemplo trazido pela autora é o da escritora lésbica Cassandra Rios, cujas histórias tinham mulheres como protagonistas. A perseguição sofrida pela escritora, tanto pessoalmente, quanto com relação às suas produções, foi intensa, principalmente no contexto da ditadura militar. Por conta disso, até hoje suas publicações são dificilmente encontradas em bibliotecas e livrarias nacionais.

Para Vicente da Silva Darde (2008), é esperado do jornalismo que ele represente a diversidade de pensamentos presentes na época de suas publicações. Essa característica pode ser explicada por conta da natureza pública e do compromisso social relacionado ao campo

jornalístico. Esse campo é considerado lugar de fala legitimado sobre o contexto social, e contribui na construção e reprodução de valores, papéis e sentidos na sociedade de que faz parte.

Assim, a mídia de forma geral, pode tanto dar visibilidade, como também silenciar alguns grupos sociais e sujeitos. Bruno Leal e Carlos Alberto de Carvalho (2009) afirmam que os veículos jornalísticos, mais do que apenas reprodutores, são instâncias de construção da vida social, a partir de um processo dialógico com outras instituições. Ao serem colocadas em circulação, as notícias informam às pessoas quais temas e questões devem (ou podem) estar em pauta nas discussões públicas. Dessa maneira, as narrativas jornalísticas colocam em circulação um “saber” que repercute diretamente na forma como os diversos grupos dentro da sociedade produzem sentidos sobre o cotidiano.

Consoante ao que afirma Alexandre Soares (2019), a pretensa objetividade, imparcialidade, neutralidade e verdade atribuídas aos meios de comunicação atuam de maneira a permitir que estes instrumentos criem memórias e estabilizem sentidos. Para esse autor, de forma a fugir dessa cristalização de sentidos, não se pode perder de vista as condições em que são produzidos os discursos que circulam nas mídias, em especial nas mídias jornalísticas impressas.

As narrativas dos jornais pernambucanos, amplamente difundidas, acerca das mortes de homossexuais no início da década de 1980, criminalizavam as vítimas e, de certa forma, ridicularizavam suas mortes. Esse fato levou um grupo de amigos, estudantes e militantes pelos direitos homossexuais no estado, a criar o primeiro grupo homossexual institucionalizado do estado de Pernambuco, o Grupo de Atuação Homossexual (GATHO). Importante ressaltar a ausência de mulheres lésbicas nos quadros oficiais do grupo, e a inexistência de grupos lésbicos organizados nesse período.

A participação intensa em projeto de pesquisa que analisou a produção jornalística sobre este grupo, nos fez alimentar o desejo de explorar esses silenciamentos e lacunas. Dessa maneira, foram estabelecidos os objetivos dessa pesquisa da seguinte forma. Como **objetivo geral**, buscamos analisar produções discursivas sobre lesbianidades na mídia jornalística pernambucana, durante a institucionalização dos primeiros esforços do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e outras orientações sexuais e identidades de gênero (LGBT+) – inicialmente referido como “Movimento Homossexual” – em Pernambuco. Para tanto, definimos como **objetivos específicos**: 1) analisar repertórios sobre lesbianidade e sobre lesbofobia produzidos pela mídia jornalística de Pernambuco da primeira metade da década de 1980; 2) analisar narrativas sobre preconceito e discriminação em relação às mulheres lésbicas

nessas produções; 3) analisar narrativas sobre iniciativas de atuação política protagonizadas por mulheres lésbicas veiculadas nestes jornais; 4) mapear vozes/interlocutores e posições acionadas nessas produções jornalísticas quando fazem referência à lesbofobia.

Na confecção desta dissertação, apresentamos, no primeiro capítulo, uma aproximação inicial com o campo-tema da pesquisa, a partir de um exercício de revisão de literatura sistemática sobre lesbianidades, disponíveis em bases de dados de produções acadêmicas e científicas nacionais. O segundo capítulo desenvolve, a partir da revisão da literatura sistemática e assistemática, uma discussão acerca das lesbianidades, suas visibilidades e invisibilidades, os discursos em circulação acerca do tema, um breve apanhado histórico sobre os primeiros passos do movimento lésbico no Brasil e no estado de Pernambuco. No capítulo 3, é apresentado o primeiro grupo institucionalizado do movimento LGBTQ+ de Pernambuco, e o lugar que a mídia ocupou nesse processo de institucionalização. Os caminhos metodológicos desenhados para dar conta dos objetivos traçados são apresentados no capítulo 4 da presente dissertação, onde evidenciamos, também, o referencial teórico que serviu de subsídio para nossas escolhas metodológicas. O capítulo 5 apresenta os resultados, as análises produzidas a partir do corpus do trabalho, e a costura entre a literatura apresentada no capítulo 2 e as sínteses construídas a partir do exercício analítico. Por fim, tecemos nossas considerações finais, refletindo sobre os resultados encontrados, as afetações que nos atravessaram no processo de pesquisa, e também sobre as dificuldades e obstáculos percebidos durante a construção do trabalho.

## **2 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES AO CAMPO-TEMA: REVISÃO DE LITERATURA SISTEMÁTICA**

De maneira a iniciar a aproximação com o tema escolhido para a dissertação, apresento aqui o exercício de revisão de literatura sistemática realizado, as fontes escolhidas, a escolha de termo de busca, e os critérios adotados para a seleção dos textos com os quais foram tecidos diálogos para a construção desse trabalho.

É imprescindível, no entanto, chamar atenção para o fato de que a revisão sistemática não foi a única forma de aproximação com o tema realizada ao longo da construção teórica e analítica desse texto. Primeiramente por conta da dificuldade em localizar trabalhos que abordassem nosso tema de pesquisa de maneira direta, o que levou à necessidade de um exercício de costura intensivo de forma a justificar e embasar os argumentos aqui apresentados.

Em segundo lugar, por conta da valorização da construção coletiva junto aos pares de grupo de pesquisa, cujas indicações bibliográficas e teóricas foram de suma importância, desde a etapa de pré-projeto, para a consolidação da pesquisa realizada. Também, por conta das indicações pertinentes e enriquecedoras feitas pelas integrantes da banca de qualificação do projeto, basilares para a discussão apresentada nos capítulos seguintes.

Tendo como base o capítulo de revisão da literatura da dissertação de mestrado de Marillia Gabriella Torres de Andrade (2019), também integrante do GEMA-UFPE, irei me ater nas seções que seguem ao passo a passo da revisão sistemática, apresentando por meio de gráficos e tabelas alguns dos resultados obtidos com esse exercício, além de apresentar algumas reflexões e provocações que tais resultados geraram.

### **2.1 Definição das fontes e termos de busca, e critérios de seleção**

Por conta da especificidade do tema trabalhado, e baseando-se em trabalhos anteriores realizados com temáticas similares, foram realizadas algumas escolhas estratégicas para a seleção de literatura pertinente à construção de nosso trabalho. Nesse sentido, os primeiros critérios estabelecidos foram:

- **Quanto ao período:** não foi estabelecido um recorte temporal, por compreender a importância do contexto histórico nas produções, além de permitir resgatar documentos de quando o tema passou a ser discutido nas produções científicas e acadêmicas;
- **Quanto ao idioma:** optamos por textos apenas em português, visto que nosso trabalho tem como foco o contexto local, o que ajuda a visibilizar nossas produções e autores;
- **Quanto às fontes:** para abranger uma maior diversidade de produções, de maneira a ampliar as possibilidades de debate sobre o tema trabalhado, foram escolhidas duas fontes de dados para o exercício sistemático:

**Quadro 1 - Bases de dados de textos acadêmicos e científicos utilizadas na etapa de revisão da literatura**

Fonte de busca	Tipos de produções	Informações
BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) <sup>1</sup>	Teses e Dissertações	Base contendo produções acadêmicas de mestrado e doutorado de universidades e outras instituições de pesquisa do Brasil
SciELO (Scientific Electronic Library Online) <sup>2</sup>	Artigos científicos, resenhas críticas, entrevistas e outros textos	Biblioteca eletrônica que contém artigos e outros textos científicos de acesso aberto para a comunidade.

Depois de estabelecidas as fontes de busca e os critérios para a seleção da literatura, o próximo passo foi a escolha dos termos de busca. Visto que realizamos pesquisas anteriormente, que tinham extensa similaridade com o presente trabalho, nos baseamos nos exercícios de revisão da literatura anteriores para essa etapa, principalmente para a escolha do termo de busca.

Uma vez que as revisões realizadas anteriormente, com a definição de mais de um termo de busca simultâneo, retornaram resultados escassos em todas as bases selecionadas, optamos por utilizar para a nossa dissertação apenas um termo, que pudesse abarcar uma maior diversidade de resultados. Dessa maneira, o termo escolhido para nossa revisão de literatura

<sup>1</sup> Site: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>

<sup>2</sup> Site: <https://www.scielo.br/>

sistemática foi “Lesbianidade”. A escolha do termo no singular foi proposital, por permitir que as bases de busca retornem resultados com a palavra também no plural.

Entendemos que a utilização de termo tão abrangente abre vários caminhos e possibilidades de abordagem para o mesmo tema, e que a quantidade bruta de resultados localizados não corresponde ao número de produções com as quais poderíamos dialogar ao longo de nosso trabalho. Porém, visto que trata-se de tema ainda escasso em produções acadêmicas nacionais, quando comparado a outros temas, e que nosso recorte temático apresenta-se ainda menos discutido, essa maior abrangência foi uma estratégia utilizada para viabilizar as costuras necessárias para nossas construções teóricas.

Em cada base de dados, procedemos da seguinte maneira, seguindo os critérios estabelecidos e citados acima:

- SciELO: Na página inicial, foi preenchido o campo de busca com o termo escolhido, selecionada a opção “todos os índices”, e o botão de buscar;
- BDTD: Também na página inicial, foi preenchido o campo de busca com o termo definido, selecionada a opção “todos os campos”, e o botão de buscar.

Apresentamos a seguir alguns resultados, com o auxílio de gráficos e tabelas para permitir uma melhor visualização das informações a serem apresentadas.

## 2.2 Produção científica localizada

Após a etapa anterior, de estabelecimento de todos os critérios iniciais para as buscas em bases de dados, obtivemos o seguinte resultado:

**Tabela 1 - Número total de textos localizados por fonte de busca e tipo de produção textual.**

<b>Fonte (Tipo de produção)</b>	<b>Quantidade de produções</b>
BDTD (Dissertações e teses)	541
SciELO (Artigos científicos, resenhas críticas e entrevistas)	14
<b>Total</b>	<b>555</b>

Depois de realizada essa primeira busca, procedemos à uma avaliação mais detalhada dos resultados, inicialmente observando os títulos de todas as produções localizadas de maneira a identificar possíveis resultados em duplicidade. Apesar de cada fonte de dados escolhida apresentar tipos diferentes de produções, identificamos que na BDTD havia repetições de trabalhos nos resultados apresentados, sendo, no caso, o número de produções localizadas nessa base de 512 (quinhentas e doze) teses e dissertações.

Apesar de já haver diminuição do número total de produções após essa primeira triagem, passando a 526 (quinhentos e vinte e seis) textos no total, esse número ainda se mostrou elevado, principalmente com relação às produções localizadas na biblioteca de teses e dissertações. Assim, o próximo filtro aplicado foi o de idioma, para localizar apenas as produções em português, resultando então em 510 (quinhentas e dez) produções no total.

Como o número de produções ainda era considerável, nosso próximo passo foi selecionar apenas as produções que apresentassem em seu título indicações de aproximação ao tema da lesbianidade como foco central. Por esse motivo, textos que abordassem o público LGBTQ+ de maneira mais ampla não foram selecionados. Ficamos, após essa seleção minuciosa, com 215 (duzentas e quinze) produções, de ambas as fontes, distribuídas da seguinte maneira:

**Tabela 2 - Número de textos selecionados com base nos títulos relacionados à lesbianidade, por tipo de produção textual.**

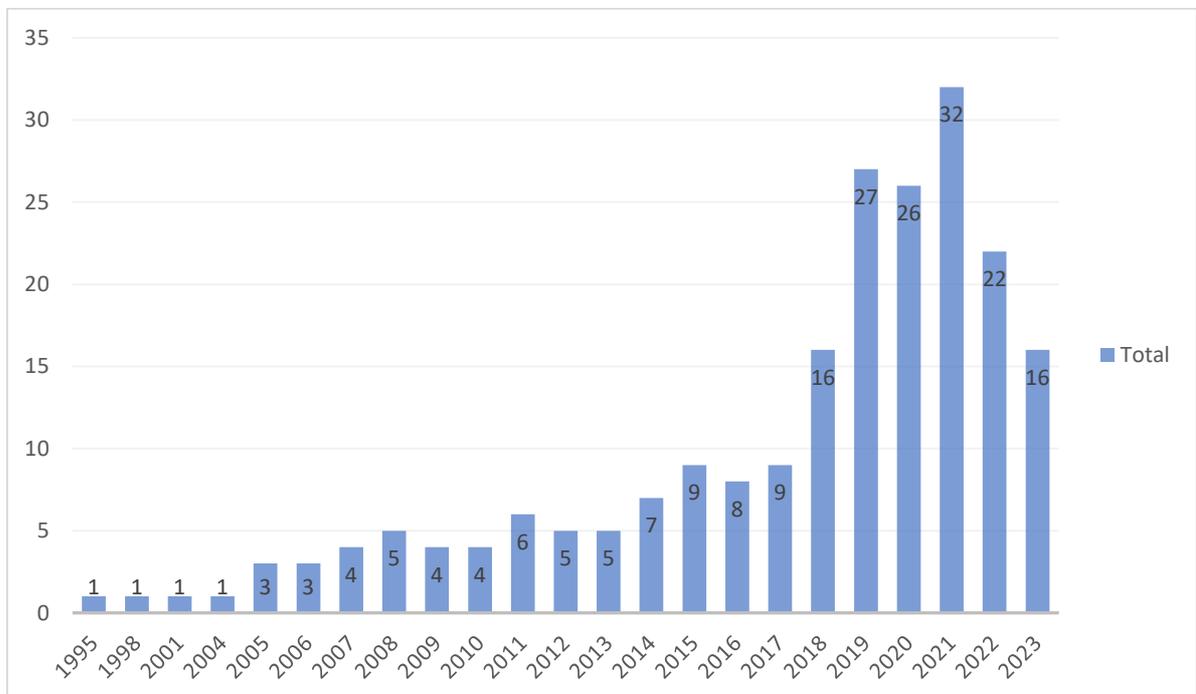
<b>Tipo de produção</b>	<b>Quantidade de produções</b>
Dissertação	151
Tese	52
Artigo	12
<b>Total</b>	<b>215</b>

Antes de apresentar a etapa posterior, de leitura dos resumos desses textos, acho pertinente para nossa reflexão apresentar algumas informações acerca desses 215 (duzentas e quinze) textos que versam sobre lesbianidades, dada a riqueza de questionamentos que esses dados podem proporcionar.

### 2.2.1 Algumas informações relevantes

Primeiramente, o que despertou nossa atenção com relação a esses resultados preliminares foi a quantidade de produções encontradas em cada uma das fontes. Percebe-se que as pesquisas sobre lesbianidades concentram-se de maneira contundente nas universidades e outras instituições de ensino superior e pesquisa, mas não têm o mesmo espaço garantido nas revistas e periódicos científicos.

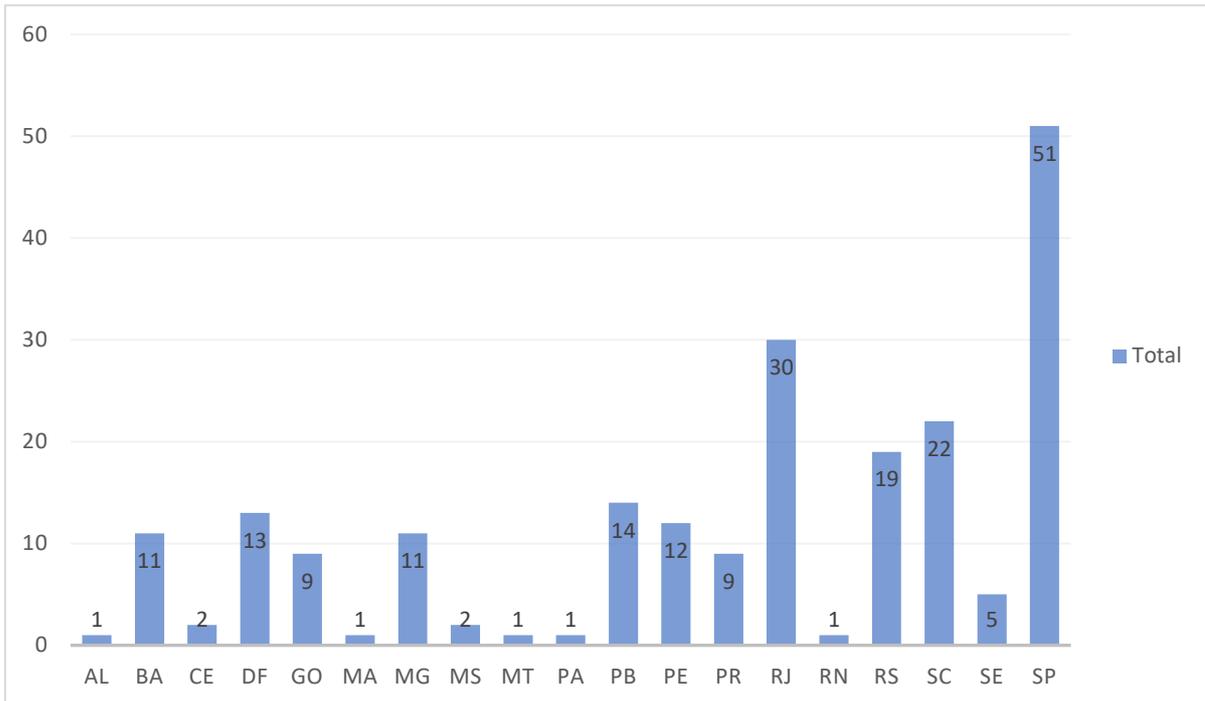
Outra questão importante de ser explicitada é a linha do tempo dessas produções, que pode nos oferecer pistas de quando o tema das lesbianidades adentrou os espaços de discussão acadêmica, e como foi seu percurso nesses locais ao longo do tempo.



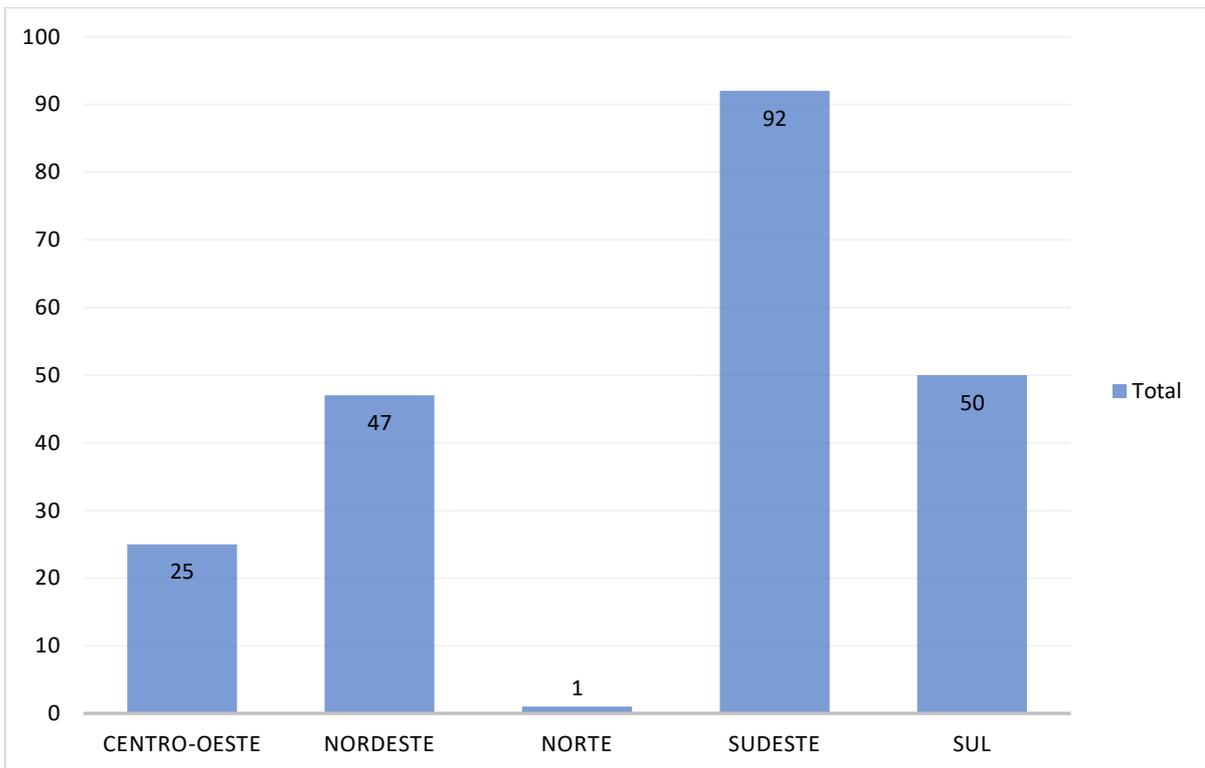
**Figura 1** - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por ano de publicação

Percebemos como durante a década de 1990, essas discussões ainda não tinham grande presença nos meios acadêmicos, fato que perdura ainda durante os primeiros anos de 2000. Observa-se um salto no número de produções do ano de 2017 para o ano de 2018, e desse ano para o de 2019, mantendo-se certo nível de produções nos anos subsequentes, demonstrando maior inserção do tema nos espaços acadêmicos nos anos mais recentes.

É importante também apresentar como se dá a distribuição geográfica desses textos, para compreendermos onde esses debates estão sendo construídos. Apresentamos a seguir duas figuras para auxiliar a visualização dessa distribuição, com a quantidade de produções por estado onde ocorreu a publicação e, respectivamente, por cada região do país.



**Figura 2** - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por estado brasileiro



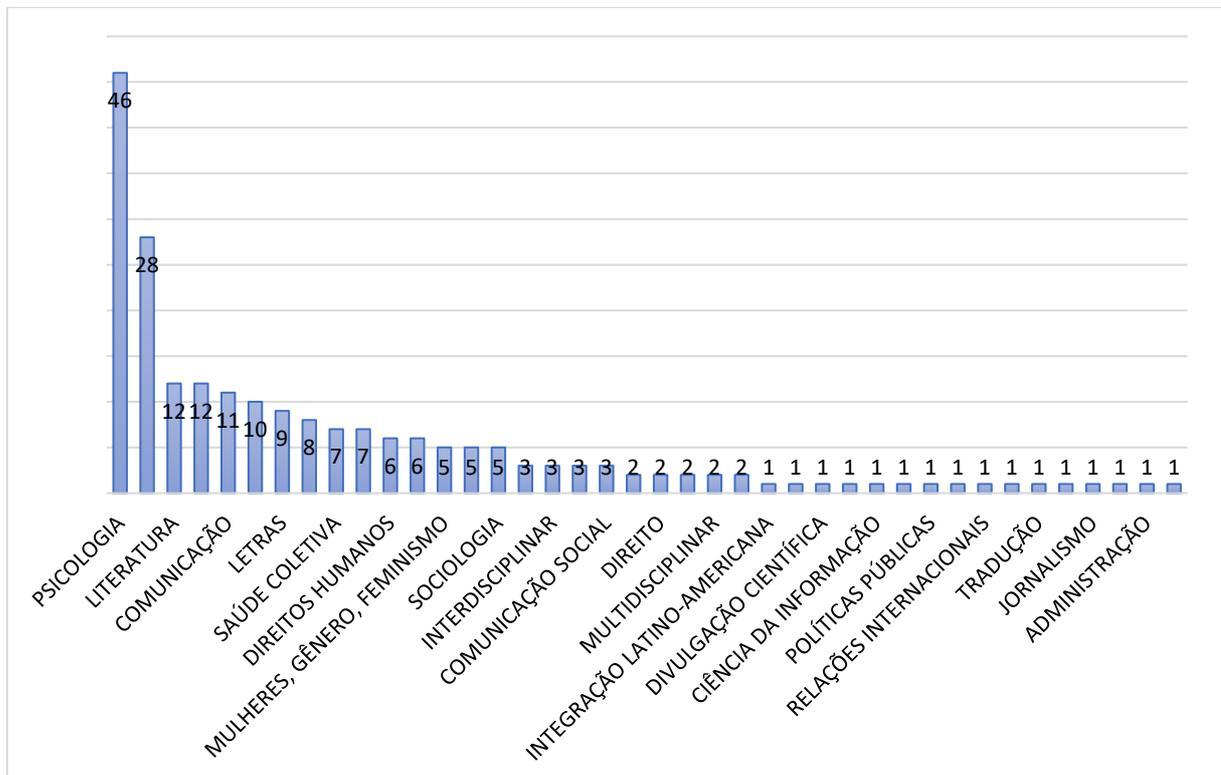
**Figura 3** - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por região do Brasil

Ambas as figuras demonstram a grande concentração de produções na região sudeste do Brasil, com o estado de São Paulo sendo o principal representante dessa produção, com 51 (cinquenta e um) textos no total, e em segundo, o Rio de Janeiro, com 30 (trinta). Em seguida

a região sul, com as produções publicadas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e a região nordeste, que apresenta certo equilíbrio no número de produções entre os estados de Pernambuco, Paraíba e Bahia. Percebemos que o estado de São Paulo sozinho tem mais produções do que a soma dos estados de cada uma das outras regiões.

No entanto, a informação que mais chama a atenção ao se analisar essas figuras é a discrepância no número de produções entre a região norte e as demais. Apenas um texto foi localizado com o tema de lesbianidade, referente ao estado do Pará, único representante nortista presente em nossos resultados preliminares.

Em seguida, apresentamos a distribuição das produções de todo o país, por área de conhecimento, de maneira a demonstrar a diversidade de estudos possíveis de serem desenvolvidos acerca do tema, em diferentes campos de saber. As descrições de cada área apresentada foram localizadas nas informações acerca das produções e suas autoras, disponibilizadas nas fontes de dados selecionadas. Quando essas informações não estavam evidenciadas, buscamos pelos currículos das autoras na plataforma lattes<sup>3</sup>, utilizando nome completo das pesquisadoras e verificando os títulos dos trabalhos e área de conhecimento especificada nos detalhes das produções.

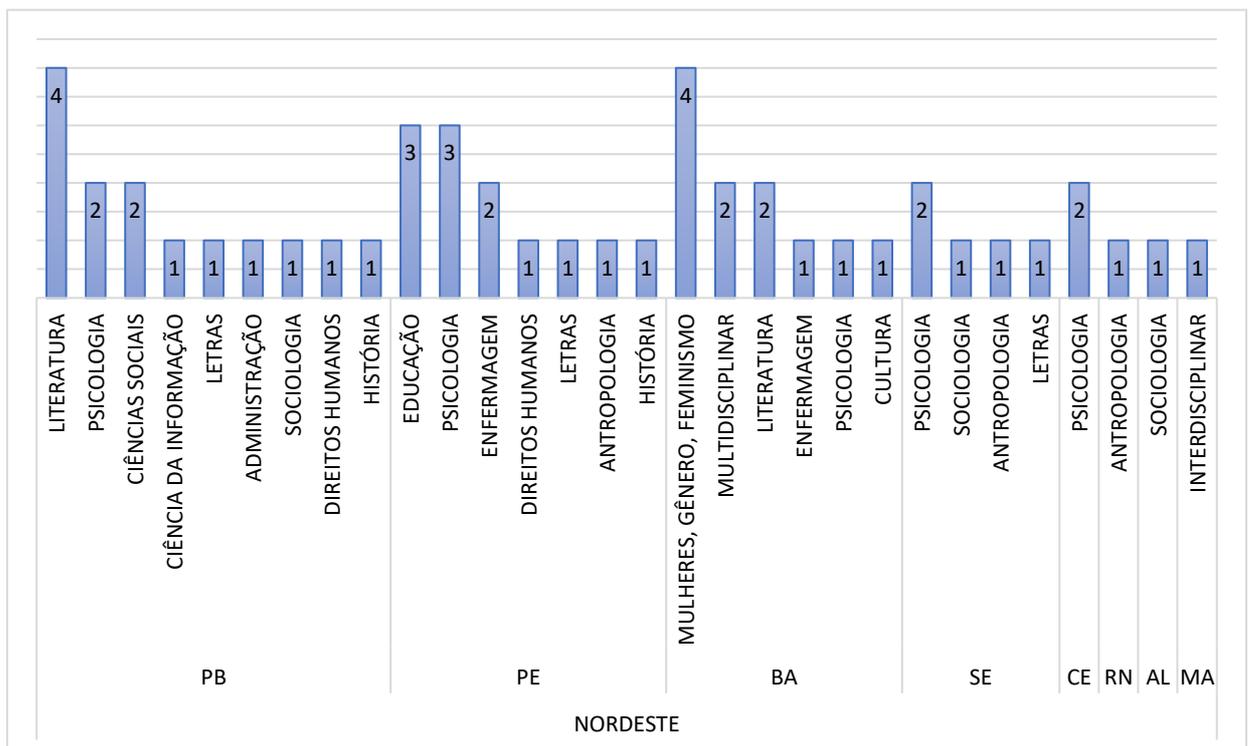


**Figura 4** - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades por área de conhecimento

<sup>3</sup> Site: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>

Conseguimos observar a partir da figura a grande produção acadêmica sobre lesbianidades produzida no âmbito da psicologia, com 46 (quarenta e seis) produções localizadas nas fontes escolhidas. Porém, outra questão que a figura suscita é a vasta gama de áreas nas quais foram produzidos trabalhos sobre o tema, desde literatura e comunicação, até jornalismo e administração, demonstrando sua relevância para o desenvolvimento de estudos em diferentes campos do saber.

Como temos interesse, no presente trabalho, de dar visibilidade para produções realizadas fora do eixo sul-sudeste, evidenciamos na próxima figura uma distribuição das produções por estados dessa região, de acordo com as áreas de conhecimento de cada texto. Acreditamos que evidenciar essas informações pode trazer à luz o fato de que a produção de conhecimento no território brasileiro não está resumida apenas aos estados do sul e sudeste, e que construímos debates relevantes em diversas áreas de conhecimento, a partir da região nordeste.



**Figura 5** - Distribuição da quantidade de produções sobre lesbianidades em estados do nordeste, por área de conhecimento

A figura apresenta a distribuição de maneira decrescente, do estado onde foram localizadas mais produções, Paraíba, para os que apresentaram menos resultados, Rio Grande do Norte, Alagoas e Maranhão, respectivamente. Observamos uma preponderância de trabalhos da psicologia, distribuídos em abordagens que focam desde a saúde mental e física de mulheres

lésbicas, até temas mais voltados a conceitos da psicologia social, como crenças, atitudes, preconceito. Percebemos também a predominância nas áreas das humanidades, como literatura, sociologia, antropologia e educação, seguidas das áreas de enfermagem e direitos humanos.

### 2.2.2 Seleção final

Por fim, com a diminuição do número total de materiais, passamos então para a etapa de leitura dos resumos de cada um dos textos, para identificar quais de fato versavam sobre nosso tema de pesquisa, ou que mais se aproximavam das discussões que buscamos propor em nosso trabalho. Após a leitura cuidadosa de todos os 215 (duzentos e quinze) resumos, fizemos a triagem final e chegamos ao total de produções selecionadas por meio do exercício da revisão de literatura sistemática, com as quais produzimos nossos diálogos, apresentados nos capítulos que seguem.

É necessário aqui fazermos um adendo de suma importância: não localizamos nenhum trabalho, seja dissertação, tese ou artigo, dentre os 215 (duzentos e quinze) selecionados, que abordasse diretamente nosso tema. Dessa maneira, para possibilitar nossa construção teórica e diálogo com a produção acadêmica sobre lesbianidades, selecionamos os textos que mais se aproximavam de nossa proposta de tema e de nosso embasamento teórico-epistemológico.

Assim, os critérios para essa seleção foram:

- **Período histórico a que se referem:** nosso trabalho tem como recorte a primeira década de 1980, então textos que não versavam sobre esse período foram descartados, com exceção daqueles que atenderam aos outros critérios estabelecidos;
- **Territorialidade:** nos interessa o contexto pernambucano, portanto trabalhos que tivessem também essa proposta foram considerados, em conjunto com os demais critérios;
- **Temática relacionada:** nos interessa compreender as produções discursivas sobre lesbianidade da mídia jornalística. Como não foram localizados trabalhos que se debruçassem sobre esse tipo de mídia, decidimos abranger outras mídias, tais como as televisivas;

- **Referencial teórico-metodológico:** nossa construção teórica e metodológica é baseada no construcionismo social, com o uso de repertórios linguísticos para nossas análises. Portanto, trabalhos com essa mesma perspectiva foram também considerados para construir diálogos.

Apresentamos na tabela abaixo o número final das produções que selecionamos ao terminar nossa última triagem:

**Tabela 3** - Número final de textos selecionados por fonte de busca e tipo de produção textual.

<b>Tipo de produção</b>	<b>Quantidade de produções</b>
Dissertação	7
Tese	1
Artigo	1
<b>Total</b>	<b>9</b>

No quadro abaixo, organizamos as produções selecionadas, com título, ano de publicação, estado onde foram publicadas e breve resumo, de forma a sistematizar nossas escolhas e evidenciar as similaridades entre esses trabalhos e nossa dissertação.

**Quadro 2 -** Produções acadêmicas selecionadas por meio de revisão de literatura sistemática

<b>Título</b>	<b>Autora</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Programa de Pós-Graduação</b>	<b>Estado</b>	<b>Resumo</b>
Chanacomchana: um sopro do lesbianismo paulista nos anos de 1980	Letícia Emília Batista	2020	Programa de Estudos Pós-Graduados em História	São Paulo	O trabalho explora as contribuições do boletim Chanacomchana, publicado pelo coletivo lésbico Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) durante a década de 1980, para as vivências de mulheres lésbicas brasileiras.
Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão	Lenise Santana Borges	2008	Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social	São Paulo	O trabalho busca compreender as maneiras a partir das quais a novela Senhora do Destino se refere às lesbianidades, utilizando como ferramenta a análise discursiva das narrativas de alguns episódios.
A lesbianidade como resistência: a trajetória dos movimentos de lésbicas no Brasil 1979-2001	Núbia Carla Campos	2014	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana	Rio de Janeiro	O trabalho se propõe a traçar um histórico sobre o movimento lésbico no Brasil, explorando também as invisibilidades produzidas socialmente sobre essas mulheres e suas relações.
"O lesbianismo é um barato" : o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990)	Julia Aleksandra Martucci Kumpera	2021	Programa de Pós-Graduação em História	São Paulo	Esse texto busca entender as dimensões histórica, política, social e subjetiva das militantes do GALF, além de abordar os discursos produzidos sobre as lesbianidades nos anos 1980.
Vai ter ChanacomChana, sim!: construção de um grupo lésbico feminista em São Paulo na década de 1980	Jaíne Chianca da Silva	2021	Programa de Pós-Graduação em História	Paraíba	O trabalho problematiza a invisibilidade construída acerca das lesbianidades, e traça um histórico sobre o GALF, atuante na década de 1980, e seu boletim Chanacomchana.

Lesbiandades: o ruído das mídias constrói desinformação	Flávia Blanco Lira	2019	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica	São Paulo	A dissertação apresenta inquietações acerca da forma como as mídias reproduzem imagens e estereótipos sobre as lesbianidades, perpetuando certas narrativas preconceituosas na sociedade.
Trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995): uma história possível para (re)-pensar o jornalismo	Paula Évelyn Silveira Barbosa	2019	Programa de Pós-Graduação em Jornalismo	Paraná	O trabalho se propõe a construir uma linha histórica sobre a imprensa lésbica brasileira, buscando indicativos de contribuições para a imprensa hegemônica.
Movimentos de lésbicas de Pernambuco: uma etnografia lésbica feminista	Ana Carla da Silva Lemos	2019	Programa de Pós-Graduação em Antropologia	Pernambuco	A autora investiga o surgimento dos movimentos lésbicos em Pernambuco, trazendo desde as iniciativas individuais, até a institucionalização dos movimentos grupais do estado.
Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos	Lenise Santana Borges	2009	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Goiás	Esse artigo é originário da tese da autora, apresentando de maneira mais sucinta os achados sobre os repertórios sobre lesbianidade presentes na novela Senhora do Destino.

Trazemos, no capítulo seguinte, algumas reflexões e diálogos construídos com alguns desses textos, e também com outros materiais não localizados por meio da revisão sistemática, mas que contribuem para enriquecer nossas reflexões e construções teóricas acerca de nosso tema.

### 3 LESBIANIDADES

#### 3.1 Sobre (in)visibilidades lésbicas

Quando discutimos sobre o tema da lesbianidade, além de estarmos falando exclusivamente a partir de uma matriz cisnormativa, um termo que se apresenta de forma repetida nas narrativas é invisibilidade. Invisibilidade de práticas, invisibilidade de reconhecimento, invisibilidade de sujeitas... Quais são os discursos e conseqüentemente vozes que têm sua circulação legitimada em nossa sociedade e quais discursos e sujeitos são apagados? Quando falamos sobre a invisibilidade de mulheres lésbicas, estamos falando sobre a não visibilidade de seus próprios discursos, suas próprias narrativas e conseqüentemente seus modos de subjetivação. Ao mesmo tempo existem visões, estereótipos e estigmas que ocupam um espaço hegemônico sobre o assunto. A maneira como essas mulheres e suas relações são retratadas nos meios de comunicação de ampla circulação perpetuam um discurso que apaga suas vivências e afetos. Assim, falar sobre visibilidade e invisibilidade é falar sobre disputas e negociações entre diferentes atores e diferentes narrativas.

Falar sobre lésbicas é falar sobre invisibilidade, mas também pensar sobre qual tipo de visibilidade estamos falando. Conforme Bruna Rodrigues (2011), a mídia durante muito tempo deu visibilidade apenas a caricaturas, estereótipos e imagens que reproduzem estigmas sobre as lesbianidades, com a reprodução majoritariamente de imagens das mulheres lésbicas como pessoas que se identificam com a “masculinidade”.

De fato, a homossexualidade conquistou ao longo do tempo visibilidade em espaços midiáticos e acadêmicos. Porém, ao se debruçar detidamente sobre essa visibilidade, é nítida a centralidade nas pesquisas e discussões sobre a homossexualidade masculina, enquanto o foco nas lesbianidades é raro, periférico, quando não inexistente (Oliveira, 2015).

Luiz Mott (1987) pondera em seu livro ‘O lesbianismo no Brasil’ sobre o pouco conhecimento dele e de pessoas, como o mesmo se refere, eruditas, acerca de livros e artigos dedicados a abordar o tema da lesbianidade no país. O autor argumenta que esse desconhecimento se dá pela ausência de obras que se debrucem sobre o assunto, tanto pela falta de interesse e proximidade com o tema por parte dos pesquisadores e escritores – em sua maioria homens cisgênero-, quanto por questões de moralidade: a lesbianidade, ainda na época em que Mott escreveu seu livro, era – por que não dizer que ainda o é? – assunto tabu, sofrendo

as lésbicas de preconceito tanto por sua sexualidade dissidente, quanto pelo fato de serem mulheres, em um cruzamento entre machismo e homofobia.

De maneira similar, Cláudia Freitas de Oliveira (2015) acredita que a falta de interesse por parte de pessoas e instituições com relação às mulheres lésbicas, ao longo da história do país, contribuiu para a escassez de documentos produzidos sobre essas mulheres, principalmente considerando períodos mais remotos, como os séculos XVI, XVII e XVIII. Essa ausência de documentação, além de prejudicar o exercício de reconstituição histórica sobre a homossexualidade feminina, incorre em uma prática de silenciamento e consequente ferramenta de invisibilização dessas mulheres.

Denise Portinari (1989) argumenta que o suposto silêncio sobre a homossexualidade feminina é relativo, uma vez que se faz notar a partir de um contraste com “o ruído produzido em torno da sexualidade e da homossexualidade masculinas” (p. 42). No entanto, apesar de concordar com a ausência de registros históricos e pesquisas dedicadas a estudar a lesbianidade, e de que essa invisibilidade advém de um silêncio maior, que atinge a história das mulheres como um todo, a autora se propõe a não reafirmar esse viés.

Assim, a autora procura demonstrar em que medida a questão do silêncio sobre a homossexualidade feminina é entremeada, por exemplo, por falas que associam lesbianidade e feminismo, não interessando à autora a intenção por trás dessa vinculação. O cerne de sua argumentação é a de que, ao se entremear com o discurso do feminismo, a homossexualidade feminina deixa de ser silenciosa, mesmo que de forma paradoxal, dada a invisibilidade construída em torno do assunto (Portinari, 1989).

Outra visão é também trazida por Luiz Mott (1987), que dando continuidade a sua reconstrução histórica acerca das lesbianidades no Brasil, apresenta no capítulo final de seu livro uma reflexão acerca da questão do que ele denomina como “enrustir-se”. Segundo o autor, a escolha de esconder a própria sexualidade não é voluntária; acontece principalmente por conta do medo do julgamento social, discriminação e estigmatização. Para além dos aspectos morais, existe também o medo de violências e agressões físicas motivadas pelo preconceito à orientação sexual alheia.

Nesse sentido, o não falar sobre sua própria homossexualidade, para além de uma invisibilidade por si só, apresenta-se como possível tecnologia de proteção pessoal contra a violência e intolerância sofridas por mulheres lésbicas.

### 3.2 Os discursos sobre homossexualidade feminina no Brasil

Na busca pela construção histórica das narrativas acerca das lesbianidades no Brasil, percebemos que a invisibilidade é uma constante, estando a homossexualidade masculina frequentemente em foco. Apesar disso, é notável que a maneira como a homossexualidade feminina é compreendida socialmente na atualidade advém primeiramente do discurso religioso, ainda na época da colônia, sobre práticas pecaminosas – que configuravam também crime, de acordo com as leis de então (Oliveira, 2015).

Luiz Mott (1987), na obra citada anteriormente, percorre a história do Brasil desde a invasão portuguesa até a década de 1980, de forma a catalogar citações em obras históricas, arquivos oficiais da igreja católica e outros documentos públicos acerca de mulheres lésbicas, suas práticas e suas condenações perante a lei e a igreja. Segundo o autor, até 22 de março de 1646 essas mulheres eram condenadas pelo crime de sodomia, de maneira similar ao que ocorria com os homossexuais masculinos. Após essa data, a inquisição portuguesa não mais considerava crime de sodomia a relação entre duas mulheres, o que, para o autor, colaborou para o processo de invisibilização dessas mulheres na história do Brasil.

Segundo Cláudia Freitas de Oliveira (2015), já nos séculos XIX e XX, a homossexualidade passou a ser assunto da medicina, quando deixa de ser considerada pecado/crime, e passa a ser doença. Em específico, doença mental: degeneração. Com relação às lésbicas, alguns médicos associavam sua “condição” à histeria, lesões genitais e enfermidades. Luiz Mott (1987) enumera, em seu livro dedicado à história da lesbianidade no Brasil, diversas produções científicas sobre saúde pública e moral, que datam desde 1872, e apontam para os perigos para a sociedade das relações sexuais entre duas mulheres.

Não apenas o discurso médico se interessou por categorizar comportamentos e características das mulheres lésbicas a partir do século XIX. Também os criminalistas da época se propunham a versar sobre o caráter agressivo de lésbicas, em especial quando suas amantes ou ex-companheiras se envolviam em relacionamentos heterossexuais. Tais autores descreviam com detalhes rompanes de raiva e violência protagonizados por algumas mulheres, tecendo comentários e conclusões acerca do caráter das lésbicas em geral (Mott, 1987).

Apesar da mudança na categorização, era comum a todos esses discursos o entendimento de que as práticas sexuais e afetivas das lésbicas não passavam de preparação

para o verdadeiro ato sexual, ou seja, as relações sexuais que envolvessem um pênis - personificado na figura de um homem cisgênero (Oliveira, 2015).

Percebe-se então que a afetividade e sexualidade lésbicas não são compreendidas, nesta matriz, a partir do interesse genuíno de uma mulher por outra, mas sim como um preparo para um relacionamento 'de verdade' - ou seja, que envolva um homem -, ou como um desvio de caráter, ou até mesmo como uma patologia que afeta a saúde mental. De uma forma ou de outra, as vivências, afetos e interesses dessas mulheres foram apagados por meio da cristalização de tais construções discursivas (Oliveira, 2015).

Denise Portinari (1989), apesar de reconhecer o silêncio com relação à temática da lesbianidade, traz em seu texto reflexões acerca das visibilidades sobre o tema, a partir de certas figuras presentes no que ela categoriza como discurso da homossexualidade feminina. A primeira figura explorada por ela é a da terra das amazonas, que destinaria às mulheres lésbicas um lugar de "feminilidade em revolta" (p. 44).

A autora continua, apresentando a seguir as figuras da bela e da fera, de maneira a simbolizar a oposição entre posições de atividade e passividade, que permeiam de maneira contundente os discursos acerca das relações entre duas mulheres. Os pólos que demarcam essa dicotomia são definidos a partir de uma expressão de gênero bem delineada: a figura 'masculina', no pólo ativo, e a figura 'feminina' no pólo passivo.

Percebe-se que, com base nesse discurso, as relações sexuais e amorosas entre lésbicas se moldam a um modelo heterossexual de papéis de gênero, uma vez que, em geral, ativas buscam se relacionar com passivas, e vice-versa. A ironia, conforme a autora, é que ao ser performada por duas mulheres, essa dinâmica relacional é considerada uma farsa, o que, para ela, denota a falta de 'naturalidade' desses papéis também nas relações entre homens e mulheres (Portinari, 1989).

Denise Portinari (1989) segue apresentando outras figuras do discurso da homossexualidade feminina, explorando a figura que denomina como 'então eu soube que sempre fui', que representa o momento de compreensão do sujeito sobre sua sexualidade e afetividade. Para a autora, é um momento de reescrita da própria história de vida da pessoa, a partir de uma nova luz lançada sobre suas vivências. Ela afirma que esse 'entender' está intrinsecamente ligado à figura de outra pessoa - outra lésbica -, que "desperta" essa compreensão, em um movimento de identificação.

### 3.3 Primeiros passos do movimento lésbico no Brasil

A década de 1980 tem como principais marcos as mudanças sociais, principalmente por conta do processo de reabertura democrática que ocorria nesta época, no Brasil. Até a metade da referida década, vários grupos organizados estavam envolvidos com as lutas por direitos sociais no país, dentre eles diversos grupos homossexuais, grupos étnico-raciais, grupos feministas, dentre outros. Inicialmente, as mulheres lésbicas não tinham um grupo próprio para lutar por suas demandas específicas, o que as levou a se aproximarem tanto do movimento homossexual, protagonizado por homens gays, quanto do movimento de mulheres e feminista.

No movimento homossexual, havia certo pertencimento com relação à busca pela ruptura com as expectativas de uma heterossexualidade compulsória, mas em contrapartida, o protagonismo dentro desses grupos era em sua maior parte masculino. As lésbicas que se inseriam nesses grupos sofriam com discursos misóginos, além de não ter suas necessidades e demandas levadas em consideração quando da construção das reivindicações dos grupos (Campos, 2014).

Por outro lado, dentro dos movimentos feministas, apesar de terem participado ativamente na construção desses grupos, as lésbicas começaram a perder espaço para mulheres heterossexuais, que não reconheciam as demandas das homossexuais, e, portanto, não auxiliavam em suas lutas e reivindicações. Enquanto as lésbicas lutavam pelo acesso ao aborto seguro para todas as mulheres, por exemplo, as heterossexuais não se envolviam nas reivindicações por um acesso digno, por parte das homossexuais, a políticas de saúde sexual e reprodutiva (Campos, 2014).

Conforme Núbia Carla Campos (2014), esses atritos e divergências ocorridas dentro de ambos os movimentos motivaram a criação de espaços de militância específicos, voltados à luta por direitos para as mulheres lésbicas. As primeiras iniciativas aconteceram ainda dentro de grupos homossexuais, com a formação de subgrupos, que depois se desmembraram e passaram a ser uma organização própria.

As mulheres lésbicas lutaram por seu espaço primeiramente na mídia alternativa LGBT+ da época, representada principalmente pelo *Lampião da Esquina*, primeiro periódico com temáticas LGBT+, criado em 1978, a circular em âmbito nacional. Pelo fato de seu conselho editorial ser exclusivamente masculino, nessas produções, o foco principal era a

homossexualidade masculina. A primeira publicação com protagonismo de mulheres lésbicas e suas narrativas aconteceu um ano após a inauguração do jornal (Campos, 2014).

Observamos abaixo as capas das edições de números 11 e 12 do jornal *Lampião da Esquina*. A edição 11 traz como manchete principal a participação feminina na política, com destaque para a questão da lesbianidade, enquanto a edição 12 foca na questão do amor entre mulheres, com protagonismo para suas narrativas sobre o assunto.



**Figura 6** - Capa da edição de nº 11 do jornal Lampião da Esquina, com tema sobre mulheres e lesbianidade



**Figura 7** - Capa da edição de nº 12 do jornal Lâmpião da Esquina, com tema sobre amor entre mulheres

Também no ano de 1978, surgiu o Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, grupo pioneiro sediado em São Paulo, cuja inauguração influenciou a criação de diversos outros grupos homossexuais em todo o território nacional. De maneira semelhante à ocorrida nesses outros grupos, o protagonismo do grupo Somos era de homens gays, o que levou as participantes lésbicas a formarem um subgrupo lésbico-feminista (Campos, 2014).

Em 1980, o grupo Somos, por conta de divergências políticas e ideológicas, foi subdividido em três outros grupos, dentre os quais estava o grupo lésbico-feminista (LF), tornando-o o primeiro grupo de militância exclusivamente formado por lésbicas. Durante sua atuação, que durou dois anos, alguns conflitos entre as participantes foram enfraquecendo o grupo, levando a uma grande desmobilização em 1981. Algumas militantes remanescentes resolveram, então, fundar o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), para dar continuidade às lutas do LF (Campos, 2014; Facchini, 2010).

Ainda antes da dissolução do LF e surgimento do GALF, houve a impressão, em janeiro de 1981, da edição zero do boletim *Chanacomchana*. Essa primeira edição teve formato de tablóide, sendo a única impressa em gráfica. As doze edições que se seguiram – essas publicadas pelo já recém-fundado GALF – tiveram formato de fanzine, contando com a colaboração das leitoras, contendo colagens e textos datilografados (Batista, 2020).



Figura 8 - Coleção de capas das 12 edições do boletim Chanacomchana

Os boletins *Chanacomchana* contavam com depoimentos pessoais das integrantes do GALF, sobre relacionamentos, afetos, dúvidas, mas também tinha um caráter de mobilização política muito forte. Em algumas edições, havia sugestões de leituras de livros com temática feminista e/ou sobre homossexualidade e heterossexualidade compulsória (Batista, 2020).

Conforme afirma Letícia Emília Batista (2020), um dos principais objetivos da publicação desses boletins era o de mostrar para as leitoras que não existe apenas uma forma de ser lésbica, a partir dos diversos relatos pessoais contidos nas edições. Mas, para além disso, o *Chanacomchana*, por ser divulgado em todo o país, também funcionou como formador de redes de afeto e militância entre mulheres que tiveram suas narrativas visibilizadas pelo boletim.

### **3.4 Participação das lésbicas no movimento homossexual pernambucano na década de 1980**

Em Pernambuco, o ano de 1980 foi marcado pela institucionalização do primeiro grupo homossexual organizado do estado, o Grupo de Atuação Homossexual (GATHO), fundado em maio do referido ano, a partir da indignação dos membros fundadores com a maneira como os jornais da época se referiam aos homossexuais. No entanto, o grupo era liderado apenas por homens, não havendo registros sobre a presença sistemática e protagonista de mulheres lésbicas na sua formação (Santos, 2021).

O movimento lésbico em Pernambuco só começou a se institucionalizar a partir da década de 1990. Porém, isso não significa que não existiam redes de sociabilidade e resistência formadas por mulheres lésbicas antes do surgimento dos primeiros grupos organizados. Ana Carla da Silva Lemos (2019), em sua dissertação de mestrado, traz um histórico detalhado desde as primeiras iniciativas de atuações coletivas entre mulheres lésbicas no estado, datando seu início do ano de 1979.

Segundo a autora, que denomina o período entre o ano de 1979 e a década de 1990 de ‘momento incubadora’, a mobilização começou com o compartilhamento de lugares seguros para a expressão da sexualidade, participando dessas reuniões tanto lésbicas quanto gays. Um exemplo é a Festa da Metamorfose, realizada na casa de uma das pioneiras do movimento

lésbico em Pernambuco, Josenita Duda. A festa tinha caráter de reunião para acolhimento, compartilhamento de histórias e vivências, mas também de articulação política (Lemos, 2019).

Percebe-se, então, que as primeiras iniciativas tinham caráter individual, com reuniões de formação política, feiras de saúde realizadas no município do Camaragibe – onde Josenita Duda residia -, e organização de espaços de luta e resistência. Inicialmente, esses espaços não eram exclusivamente lésbicos, principalmente porque existia a necessidade da criação de laços de solidariedade, acolhimento de dores e formação de resistências comuns a homossexuais homens e mulheres (Lemos, 2019).

Esses primeiros passos da militância lésbica, com atuação mais individualizada, acabaram por fortalecer os laços entre as pessoas que frequentavam esses espaços seguros, culminando em relações e atuações políticas no sentido da construção de coletivos organizados para a luta por direitos dos homossexuais. Ana Carla da Silva Lemos (2019) cita o grupo Articulação e Movimento Homossexual de Recife e Região Metropolitana (AMHOR), que se institucionalizou em 1990, como espaço, durante a década de 1980, onde as militantes lésbicas construía suas atuações políticas, de maneira conjunta com os homens gays.

De maneira similar ao que ocorreu em outros estados do país, havia atritos entre integrantes gays e lésbicas dentro do AMHOR, em geral por conta das relações de poder e desigualdades baseadas em gênero. Por outro lado, o processo de organização de grupo em Pernambuco se diferenciou de outros estados, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, por diversos fatores:

a) a influência de pessoas acadêmicas, suas produções e articulações; b) visibilização das ações, que se deram por meio da escrita dos jornais de referências; c) onde e como se deram o surgimento dos grupos, que tem a ver com a questão regional e toda geopolítica construída em torno das regiões brasileiras. Em Pernambuco, à época não havia um nome construído de estudioso ou de militante que tivesse articulação internacional, que pautasse a bandeira homossexual, diferente da Bahia com Luiz Mott, de São Paulo e Rio de Janeiro com suas diversas representações (Lemos, 2019, p. 139).

Percebe-se, assim, que durante a década de 1980, não existia ainda um movimento lésbico institucionalizado em Pernambuco, sendo os primeiros passos no sentido de uma construção de autoconsciência por parte de mulheres advindas de atuações comunitárias, para então começarem a ser criadas redes de militância e formação política coletiva (Lemos, 2019).

## 4 A MÍDIA E O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL EM PERNAMBUCO

### 4.1 Primeiros passos na institucionalização do Movimento Homossexual em Pernambuco

O surgimento do movimento homossexual no Brasil se deu em meio a um período de ditadura militar, que durou do ano de 1964 até 1985, e teve períodos de grande perseguição a pessoas que não se adequavam às normas de gênero e sexualidade. Apesar disso, havia movimentos de resistência e transgressão a essas políticas de censura em todo o país. Em Pernambuco, uma das principais iniciativas nesse sentido era do grupo de teatro Vivencial Diversiones (Santos, 2023).



Figura 9 - Imagem de divulgação do grupo de teatro Vivencial Diversiones

Em atividade entre os anos de 1974 até 1983, as performances do grupo eram polêmicas, cheias de sensualidade e expressão da sexualidade dos artistas. Em 1979 o grupo fundou sua sede, o Café Teatral Vivencial Diversiones, lugar que se tornou um dos principais pontos de sociabilidade LGBTQ+ da época, e contribuiu no surgimento do primeiro grupo institucionalizado do movimento homossexual de Pernambuco (Santos, 2023).

O Grupo de Atuação Homossexual (GATHO) foi fundado no ano de 1980, a partir da inquietação de quatro amigos com relação à maneira criminalizadora com a qual a imprensa local se referia à homossexualidade no final da década de 1970. A institucionalização do grupo foi vista por seus fundadores como uma maneira de agir politicamente contra essa visão pejorativa dispensada pelos jornais pernambucanos às sexualidades dissidentes (Santos, 2023).

A sede do grupo era localizada na cidade de Olinda, no Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), organização atuante na defesa dos direitos humanos. Para tornar visível ao público sua existência, o GATHO publicou, entre 1980 e 1981, quatro boletins informativos, divulgando seus objetivos, atuações e informações acerca dos debates sobre a homossexualidade (Santos, 2022).



Figura 10 - Imagem da capa de um dos boletins publicados pelo GATHO.

O GATHO possuía importante articulação com outros movimentos sociais do estado, e também com outras instituições do movimento homossexual brasileiro, tendo organizado em 1981 o I Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON). O evento contou com a participação de grupos de militância da Bahia, Paraíba e Sergipe, e foi pensado como uma iniciativa para construir uma maior integração entre as instituições da região (Santos, 2022).

Conforme Émerson Silva Santos (2022), além de sua integração a outras instituições de militância, o GATHO também atuava dentro do campo da política institucional, participando, por exemplo, de uma convenção do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1981. O grupo também tinha uma relação próxima com o vereador do município de Olinda, Fernando Gondim, responsável por uma moção de repúdio ao código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), que estabelecia a homossexualidade como ‘desvio e transtorno sexual’. A articulação entre os integrantes do GATHO e o referido parlamentar também resultou na aprovação de uma emenda, de autoria de Fernando Gondim, que incluía a proibição da discriminação por orientação sexual na Lei Orgânica do município de Olinda.

Ainda na esfera da política institucional, Émerson Silva Santos (2022) afirma que, a nível nacional, o GATHO também se envolveu em discussões relacionadas à luta pela inclusão da proibição da discriminação com base em orientação sexual na Constituição Federal de 1988, matéria que acabou não sendo aprovada na Assembleia Constituinte.

Para além da organização de eventos formais e articulações políticas, outra frente de atuação do GATHO era a realização de eventos culturais, em sua maioria no contexto carnavalesco. Émerson Silva Santos (2023) destaca duas prévias de carnaval divulgadas pelo grupo em seu boletim informativo, no ano de 1981: a noite ‘Gatho de botas’, realizada em uma boate da cidade do Recife; e a ‘Gatho e sapatho’, que teve lugar no Café Teatral Vivencial Diversiones. Também nesse ano houve nas ladeiras de Olinda o desfile do bloco criado pelo grupo, o ‘Gatho da madrugada’.

É notável a ativa atuação política do GATHO desde sua fundação em 1980. Porém, a partir de 1985, o grupo começou a observar a diminuição da participação de integrantes nas reuniões, o que culminou em sua completa dissolução no ano de 1990 (Santos, 2022).

## 4.2 O lugar da mídia pernambucana na institucionalização do Movimento Homossexual em Pernambuco

Como dito anteriormente, a ideia de criar um grupo institucionalizado de militância homossexual no estado de Pernambuco surgiu a partir da indignação com a forma pejorativa com a qual os jornais da época se referiam à homossexualidade. As narrativas propagadas nessas mídias frequentemente associavam a homossexualidade à criminalidade, utilizando termos discriminatórios para se referir aos homossexuais (Santos, 2023).

Para Émerson Silva Santos (2023), a ampliação dos debates sobre homossexualidade durante as décadas de 1970 e 1980 fez com que os jornais de ampla circulação do estado passassem a publicar notícias relacionadas ao assunto. Denota-se, no entanto, que grande número dessas notícias dizia respeito a informações extensivas sobre a orientação sexual de algumas vítimas de assassinatos, quando essas vítimas tinham uma sexualidade dissidente.

Para além do conteúdo das notícias, também a forma como essas matérias eram apresentadas denota a propagação de preconceito com os homossexuais por parte dos jornais da época.

Os jornais de Pernambuco nos anos 1970/1980 dispensavam, na maioria das vezes, um tratamento indigno às vítimas de violência motivada por intolerância à diversidade sexual e de gênero. Em alguns casos, inclusive, era possível identificar uma certa celebração aos crimes cometidos, ainda que nas entrelinhas das reportagens (Santos, 2023, p. 101).

Benedito Medrado et al (2022) elencam matérias veiculadas em jornais pernambucanos durante a década de 1980, em que se observa algumas mudanças com relação ao conteúdo, que deixa de ter a questão dos assassinatos e violências como foco principal. No entanto, os repertórios utilizados para fazer referência à homossexualidade continuam reforçando estigmas e estereótipos, com o uso de nomeações tais como sodomita, boneca e homossexualismo.

O GATHO aparece como protagonista em algumas dessas matérias, a partir do ano de 1980, seja em divulgações sucintas sobre suas ações políticas e eventos promovidos, a exemplo do EGHON, seja em matérias que enfocam as atividades mais lúdicas do grupo, com suas prévias e bloco de carnaval. (Medrado *et al*, 2022).

Assim, segundo afirmam Benedito Medrado et al (2022, p. 5),

O Gatho passou a ser conhecido em parte pela veiculação de matérias jornalísticas impressas sobre sua fundação, ações desenvolvidas, participação em debates promovidos por entidades acadêmicas, partidárias e sindicais.

Também a mídia impressa fazia referência ao movimento em matérias que temas como preconceito, HIV/AIDS, violência policial, cenário político local e atividades culturais, festas carnavalescas se faziam presente.

Nesse sentido, para além de ter importância fundamental na motivação para a fundação do grupo, os jornais pernambucanos da década de 1980 atuaram no sentido de dar visibilidade, mesmo que minimamente, ao GATHO e suas reivindicações, após a institucionalização do grupo.

Benedito Medrado et al. (2023) apresenta e discute sobre as visibilidades e invisibilidades com relação ao GATHO, promovidas pela mídia jornalística de Pernambuco nos anos 80. Segundo os autores, uma das características presentes nas matérias que tinham como foco o grupo era a contra-hegemonia de suas narrativas, que encontravam espaço de publicação principalmente no jornal Diário de Pernambuco.

Desde matérias que reafirmavam o direito ao próprio corpo e prazer, espaços de direito de resposta a matérias que tratavam o movimento homossexual de maneira pejorativa, até divulgações de eventos e atrações culturais com tema voltado à diversidade sexual. A abertura de espaço para o GATHO, apesar de ainda tímida, foi um marcador importante de disputa de narrativas entre o movimento homossexual pernambucano e o discurso hegemônico que, até então, era o único presente nos veículos de mídia de massa.

Além de reproduzir trechos dos boletins do grupo e disponibilizar espaços de direito de resposta, os jornais pernambucanos, a partir de 1980, passaram a divulgar eventos acadêmicos e científicos nos quais o GATHO era convidado como instituição representativa do movimento homossexual, em conjunto com outros movimentos sociais, no estado. Como afirma Benedito Medrado et al. (2023), esse espaço de divulgação nos jornais da época permitia uma construção de narrativas que denotavam a articulação do movimento homossexual com outros movimentos, pautas e discursos, inclusive acadêmicos.

Além de eventos acadêmicos locais, os jornais também foram uma ferramenta importante na divulgação de eventos primordiais para o avanço e integração do movimento homossexual regional, a exemplo do 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON), realizado em Recife e Olinda. No entanto, a maneira puramente descritiva, supostamente neutra, com que as matérias veiculadas nos jornais de ampla circulação eram

escritas, para Benedito Medrado et al. (2023), pode ter interferido na viabilização e visibilização do movimento homossexual pernambucano.

Essa afirmação é construída principalmente com base no apagamento das ações e contribuições do GATHO para o movimento homossexual brasileiro, principalmente considerando seu pioneirismo em Pernambuco e, em certa medida, na região Nordeste, mas que não integra as principais bibliografias sobre a história do movimento LGBTQ+ do Brasil (Medrado et al., 2023). Esse processo é explícito na análise de documentos públicos que contam a história deste movimento.

## 5 CAMINHOS TEÓRICOMETODOLÓGICOS

Vamos apresentar nesse capítulo nossas escolhas metodológicas, e o referencial teórico que pavimentou nosso caminho de construção dessas escolhas.

### 5.1 A pesquisa documental e os documentos de domínio público

Para Peter Spink *et al* (2014), documento é um termo polissêmico; carrega grande amplitude de significados, dizendo respeito a qualquer tipo de registro realizado, que ao mesmo tempo fala sobre algo, e é também algo, ou seja, possui uma presença física. Nesse sentido, documentos podem ser consideravelmente diversos entre si, tanto quanto a sua forma, quanto com relação ao seu conteúdo. Um panfleto é um documento; uma revista ou um jornal também o são, apesar de serem tipos distintos de registros escritos.

Com respeito à diferenciação entre documentos públicos e privados, a linha que demarca essa separação não é tão evidente, sendo necessária cautela e precaução para o acesso e divulgação de registros. Peter Spink *et al* (2014) enfatiza que categorizar um documento como domínio público não faz referência a materiais gratuitos, de livre acesso ou livre reprodução, mas sim se refere ao fato de ser um material que pode ser visto ‘em público’.

Ademais, esses documentos podem ter regras de direitos autorais para cópia e exibição bem definidos, tal como acontece com citações no caso de textos acadêmicos, ou com direitos de reprodução de imagem em publicações em revistas. Outrossim, a dimensão pública se dá pelo fato de o conteúdo acessado ser passível de descrição, comentários, interpretações e pode ser referenciado para que outras pessoas possam também o analisar (Spink *et al*, 2014).

Nesse mesmo sentido, Ricardo Pimentel Mélo *et al* (2007, p. 30) afirmam que os documentos podem ser importantes artefatos para produções de ricas análises sobre uso de noções que circulam na sociedade e potencializam debates temáticos. “Diferente de uma abordagem que os considere matéria de prova, os documentos são fontes de compreensão que permitem localizar a emergência de um tema e a sua consolidação no cenário social, na medida em que adquire intensa visibilidade num determinado momento histórico” (Mélo *et al*, 2007, p. 30).

Flávia Cristina Silveira Lemos *et al* (2015) ratifica essa perspectiva defendendo que a análise de documentos diz respeito a uma interrogação a respeito das condições de produção dos mesmos. Assim, deve se considerar os discursos que eles colocam em circulação, as imagens que são reproduzidas, além de outros elementos textuais ou imagéticos, como acontece

no caso de jornais. Para esses autores, “O documento não é uma prova da verdade e sim um artefato cultural e histórico” (Lemos *et al*, 2015, p. 464).

Nesse sentido, Flávia Cristina Silveira Lemos et al (2015) argumenta que documentos são compreendidos como efeitos de práticas e de fazeres concretos e históricos, em determinado tempo e lugar, não sendo, portanto, portadores de uma sequência linear ou continuidade, por serem fragmentos de acontecimentos passados. Mas, apesar de não terem um efeito de continuidade, podem dar pistas sobre hábitos, valores e narrativas de quando foram produzidos.

## **5.2 A configuração do nosso *corpus* de pesquisa**

As estratégias para construção do *corpus* da nossa pesquisa foram desenvolvidas dentro do âmbito de pesquisas mais amplas desenvolvidas no grupo de pesquisa, e com base em exercícios metodológicos de trabalhos anteriores. Dessa maneira, as definições das fontes utilizadas beberam dessas experiências anteriores utilizando essas mesmas bases de dados.

O primeiro exercício foi o de definir quais seriam os jornais que deveriam ser utilizados para o presente trabalho. Para tanto, foi necessário pesquisar a informação de quais jornais impressos de grande circulação estavam em atividade na primeira metade da década de 1980, no estado de Pernambuco. Não foi localizado nenhum trabalho acadêmico ou fonte oficial que apresentasse uma lista desses jornais, mas os resultados encontrados a partir do buscador *Google* indicaram que havia três jornais em circulação até o ano de 1985: Diário de Pernambuco, Diário da Manhã e Diário da Noite.

Tanto o Diário de Pernambuco, quanto o Diário da Manhã têm seu acervo digitalizado, e disponibilizado por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no endereço <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. A hemeroteca digital possui numeroso acervo de periódicos, jornais, revistas e outros documentos de diferentes estados do país, de diversos momentos históricos. O Jornal da Noite, no entanto, não possui seu acervo digitalizado, sendo possível acessá-lo apenas presencialmente no endereço do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), localizado no bairro de Santo Antônio, em Recife.

Assim, definidas as fontes e a maneira de acessá-las, foi realizado o primeiro exercício de definição de palavras-chave de busca inicial, com base em trabalhos realizados anteriormente também com o tema central de lesbianidades: lésbica e sapatão. Mesmo tendo retornado uma quantidade importante de resultados, após as considerações da banca de qualificação do projeto de mestrado, esses dois termos se mostraram insuficientes para garantir resultados que fossem representativos para o exercício de análise. Portanto, houve a inclusão

de chaves de busca, após sugestões, dos termos: homossexual feminina, lesbianismo, lesbianidade, mulher homossexual, e mulher com mulher. Foram realizadas inicialmente as buscas nas bases de dados da hemeroteca digital, e posteriormente, utilizando os mesmos termos, a busca presencial no APEJE<sup>4</sup>.

Todas as matérias localizadas, que tivessem relação com o tema das lesbianidades foram catalogadas em um quadro de acordo com os termos de busca utilizados, o jornal onde foram veiculadas, a coluna/seção do jornal onde foram publicadas, o link para acesso, no caso das matérias disponíveis de maneira digital, e a data de publicação, e organizadas em ordem crescente de data. Todas as matérias foram salvas em formato de imagem em uma pasta situada em banco de dados do grupo de pesquisa, de acesso restrito. Cada imagem foi nomeada de acordo com o jornal, a data e a seção da publicação, dentro de subpastas nomeadas com os termos de busca.

Após novas leituras para a construção do referencial teórico para o trabalho, a partir das quais outras nomeações possíveis associadas às lesbianidades surgiram, foi realizado um novo esforço de busca de materiais para análise. Os novos termos que se apresentaram e foram utilizados como palavras de busca foram: fancha, fanchona, fissureira, fressureira, gal, lady, machão, machona, machuda, madrinha, moquetona, mulher-macho, pacona, paraíba, pitomba, roçadeira, roçona, saboeira, sandalhinha, sapatilha, sapatona, lesbiana, lésbia, safista, tríbade e entendida. No entanto, nenhum resultado relevante para a pesquisa foi localizado com esses termos.

Depois de selecionadas as matérias, foram construídos quadros de análise, para a identificação dos repertórios sobre lesbianidades, lesbofobia, e atuação política de mulheres lésbicas nessas produções, além de mapear as vozes e interlocutores acionados nos textos, de acordo com o modelo reproduzido a seguir:

---

<sup>4</sup> As matérias acessadas no APEJE não foram utilizadas para o exercício analítico desse trabalho, pois a qualidade das imagens das matérias impossibilitou a sua leitura. Foi feita a tentativa de retornar ao local e salvar novas cópias dos arquivos, porém a instituição estava indisponível para acesso, permanecendo inacessível até a presente data.

**Quadro 3 - Quadro de análise de repertórios presentes nas matérias de jornais selecionadas**

Transcrição	Trechos que alimentam repertórios sobre lesbianidade	Trechos que alimentam repertórios sobre lesbofobia	Atuação política de mulheres lésbicas	Interlocutores/as, vozes e posições em jogo	Comentários da pesquisadora

### 5.3 O jornal como prática discursiva

Anterior, ou melhor, mais amplo do que a compreensão do jornal como prática discursiva, é o entendimento da importância da mídia em geral como produtora e reprodutora de repertórios na sociedade contemporânea. Nesse sentido, Benedito Medrado (2013) apresenta a noção de mídia como um sistema complexo, cultural, com dimensões simbólicas e contextuais.

Por um lado, esse sistema possui uma dimensão simbólica – num constante jogo entre signos e sentidos –, que compreende a (re)construção, armazenamento, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produziu (os media) como para quem os consome (leitores, espectadores, telespectadores etc.). Por outro lado, como um sistema cultural, compreende também uma dimensão contextual – temporal e espacial –, na medida em que esses produtos são fenômenos sociais, situados em contextos, que têm aspectos técnicos e comunicativos e propriedades estruturadas e estruturantes. Textos e imagens publicados em jornais, revistas ou livros, apresentados em TV ou rádio, divulgados via Internet e, inclusive, textos científicos constituem instrumentos midiáticos (p. 216).

Ao propiciar uma comunicação que extrapola a dimensão das interações face a face, as mídias demonstram uma capacidade de reconfigurar as fronteiras entre o que é público e privado e, mais do que isso, de romper barreiras espaciais e de tempo, dando visibilidade ímpar a informações, descobertas e outros acontecimentos para um grande número de pessoas, influenciando sua maneira de viver o cotidiano (Medrado, 2013).

Assim, conforme afirma Benedito Medrado (2013), as mídias se constituem em práticas sociais discursivas, construídas por determinado grupo social, denominado por ele de *media*, cuja seleção e configuração de certos repertórios discursivos em última instância compõe a

linha de argumentação ou, como o autor denomina, retórica midiática. Identificar os repertórios visibilizados por essas produções midiáticas significa analisar como esses repertórios influenciam e modificam as práticas discursivas das pessoas no cotidiano, ao possibilitar a produção de novos sentidos sobre si e seu entorno.

Com relação aos jornais impressos, faz-se necessário compreender sua importância na construção de fatos, a partir da escolha e divulgação de determinadas pautas, que podem ser alçadas a problemas sociais, de acordo com a atenção que despertam na sociedade. Isso denota que os jornais, sendo mídias impressas, podem construir novas dinâmicas de interação, ao visibilizar certos acontecimentos sociais. Sendo assim, jornais não são veículos neutros de informação, tendo cada matéria diversos sentidos em circulação (Medrado, 2013; Borges; Ribeiro, 2014).

Lenise Santana Borges e Flávia Regina Guedes Ribeiro (2014) ressaltam que, ao se escolher os jornais impressos como objetos de pesquisa, deve-se atentar para suas especificidades, tais como a periodicidade da publicação, as fontes utilizadas e as autorias das informações compartilhadas. Além disso, compreender que determinadas editoriais são lidas por públicos específicos, de classes sociais diferentes, e que determinadas pessoas e grupos decidem sobre o que e quando publicar. As autoras afirmam que os jornais impressos são conformados por determinada estrutura discursiva e institucional, e, portanto, possui regras estabelecidas de antemão. Mas isso não significa que as notícias não sejam influenciadas pelos jornalistas que assinam sua publicação, imprimindo nelas sua visão de mundo.

#### **5.4 Práticas discursivas e a análise de repertórios**

Dado que o presente trabalho se delinea como uma pesquisa de abordagem qualitativa documental, baseada nos estudos em psicologia social no âmbito do construcionismo social, faz-se necessário apresentar algumas conceituações inerentes a essa maneira de fazer pesquisa.

Mary Jane Spink (2010) afirma, tomando por base Kenneth Gergen, um dos autores mais antigos a debater sobre a caracterização de uma perspectiva construcionista, que assumir uma postura alinhada com essa concepção implica na abdicação da visão representacionista do conhecimento. Ou seja, rompe-se com a ideia de que a mente é um espelho do mundo. A autora continua sua argumentação, defendendo a visão de que o conhecimento é uma construção

coletiva, realizada por meio das práticas sociais, e não algo naturalmente apreendido do mundo. Sendo assim, o construcionismo se configura como uma construção teórica social sobre o conhecimento, o que o aproxima do campo de estudos em psicologia social.

Nesse sentido, e tendo como base as contribuições de Tomás Ibañez para o campo da psicologia social construcionista, Mary Jane Spink (2010) busca explicitar a compreensão acerca dessa perspectiva teórico-metodológica. A autora apresenta uma lista de desconstruções necessárias para que se possa adotar uma postura construcionista:

- Rompimento com a dicotomia sujeito-objeto: como o conhecimento é socialmente construído, tanto sujeito quanto objeto são, conseqüentemente, produzidos por esse conhecimento, o que significa dizer que eles são, também, construções sociais;
- Pressupostos ontológicos: não há para o construcionismo social o conceito de objetos naturais. Disso decorre que não há objetos no mundo que existam independentemente de nós, e, por conseguinte, que existimos de maneira intrinsecamente dependente dos objetos que criamos;
- Pressupostos epistemológicos: assumir uma postura construcionista significa compreender que o conhecimento não representa a ‘realidade’. Nessa perspectiva, não há como diferenciar o mundo propriamente dito de nosso conhecimento sobre ele.
- Pressupostos metodológicos: implicar-se em consonância com o construcionismo relaciona-se a assumir uma postura de desreificação, desnaturalização e desessencialização. Isso significa que, dentro desse campo de estudos, é imprescindível levar em consideração a radicalidade da natureza social do mundo, e a característica histórica e contextual das práticas sociais;
- Pressupostos sobre a natureza humana: como dito anteriormente, o conhecimento para o construcionismo é uma prática social, e, conseqüentemente, os critérios de verdade e os objetos desse conhecimento são produzidos socialmente, institucionalizando-se através de processos de habituação.

O construcionismo, para Ricardo Mélo et al. (2007), tem sua importância teórica ligada aos questionamentos acerca da visão tradicional de que a linguagem pode representar a ‘realidade’. Nesse sentido, o construcionismo se opõe às abordagens representacionistas, uma vez que considera a linguagem desde uma visão mais voltada ao pragmatismo.

Ricardo Mélo et al. (2007) argumentam que o construcionismo precisa ser visto como um campo de tensões, de disputas, por conta da pluralidade de posições epistemológicas distintas e até contrárias entre si dentro desse campo. Assim, o construcionismo não se configura como uma teoria, mas como um movimento. Sendo um movimento, o construcionismo é caracterizado por processos de deslocamentos e mudanças, não tendo como pretensão o estabelecimento de verdades ou de princípios a priori, dogmáticos. Sua característica fundamental é a postura crítica frente ao mundo.

Dessa maneira, apesar de não haver princípios pré-estabelecidos do construcionismo, Ricardo Mélo et al. (2007), baseando-se em Lupicínio Iñiguez, apresentam alguns indícios de uma postura construcionista:

- Antiessencialismo: o mundo e as pessoas não têm uma natureza determinada; elas se constituem nas práticas sociais;
- Antirrealismo: a ‘realidade’ não existe independentemente do conhecimento construído sobre ela;
- Relativismo: a ‘realidade’ se configura desde um emaranhado de versões construídas de forma coletiva;
- Questionamento de verdades: compreensão desde um ponto de vista pragmático, no qual as verdades são entendidas como descrições diferentes, produzidas em épocas diversas e com diferentes propósitos. Não se vive em um mundo sem ‘verdades’, porém estas são versões negociadas, construídas coletivamente;
- Caráter histórico do conhecimento: entender a historicidade da construção dos conhecimentos, levando ao questionamento da objetividade dos saberes, que não podem ser vistos como naturais;
- A linguagem como condição de possibilidade para configurar a ‘realidade’: a linguagem trata-se de uma prática, portanto, gera efeitos. Participa de construções, mudanças ou manutenções que atravessam as relações sociais.

Assim, pesquisar a partir de uma abordagem construcionista é considerar a linguagem como “uma forma de ação no mundo” (Méllo et al., 2007, p. 26), ou seja, uma prática. Dessa forma, os autores afirmam a possibilidade de articulação entre a noção de práticas discursivas e as práticas acadêmicas e do cotidiano, compreendendo-as como efeitos de negociação.

Continuando nossa conceituação, precisamos, então, compreender o que são práticas discursivas, entendidas como linguagem em ação, formas de posicionar-se e produzir sentidos nas relações do cotidiano (Spink; Medrado, 2013). Conforme conceitua Mary Jane Spink (2010, p. 26):

A linguagem em uso é tomada como prática social e isso implica trabalhar a interface entre os aspectos performáticos da linguagem (quando, em que condições, com que intenção, de que modo) e as condições de produção (entendidas aqui tanto como contexto social e interacional, quanto no sentido foucaultiano de construções históricas).

Trabalhar com práticas discursivas não significa buscar maneiras de associar conteúdos de forma usual, nem a procura por estruturas que conformam essas associações. Como informa Mary Jane Spink (2010), dentro dessa perspectiva, compreende-se que esses conteúdos se associam de maneiras diversas, em contextos diversos, o que significa compreender que os sentidos construídos são fluidos, contextuais.

Sendo assim, utiliza-se a noção de que sentidos são construções sociais. Ou seja, esforços coletivos, interativos, por meio dos quais as pessoas, nas dinâmicas relacionais histórica e culturalmente localizadas, constroem os termos que possibilitam a compreensão dos fenômenos e situações de seu entorno (Spink, 2010).

Não obstante, para a construção de análises baseadas na perspectiva das práticas discursivas, para além de compreender os enunciados e os conteúdos, localizar as vozes (ou interlocutores) que as permeiam, é tarefa necessária. As vozes são as pessoas, instituições, e coletivos presentes nos diálogos e textos. Importante mencionar, no entanto, que esses interlocutores podem ser evocados nos diálogos, ou seja, serem presentificados por intermédio de outras vozes presentes (Spink; Medrado, 2013; Medrado; Lyra, 2015).

Dessa maneira, como afirmam Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2013, p. 27):

as vozes às quais um enunciado é dirigido podem estar espacial ou temporalmente distanciadas. Dessa forma, inclusive o pensamento é

dialógico: nele habitam falantes e ouvintes que se interanimam mutuamente e orientam a produção de sentidos e enunciados. [...] Todas essas vozes permeiam essa prática discursiva e se fazem nela presentes, com maior ou menor ênfase, dependendo do tema em pauta, do local, de quem pergunta, enfim, do contexto em que são produzidas. A compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes.

Partindo dessa perspectiva, é também necessário localizar e identificar os repertórios linguísticos em circulação, ou seja, os conceitos, termos, figuras de linguagem que delimitam o conjunto de possibilidades de construção de sentidos. Assim,

a noção de Repertórios Linguísticos permite diferenciar conteúdos e processos. [...] para fins didáticos, vale a pena pontuar que as práticas discursivas se caracterizam tanto pela dinâmica como pelos conteúdos que, no caso, estamos denominando de repertórios linguísticos (Spink, 2010, p. 28).

De maneira coerente à compreensão dinâmica das práticas discursivas e da produção de sentidos no cotidiano, os repertórios linguísticos não devem ser entendidos como unidades estáticas, mas sim de caráter relacional, conectando-se aos enunciados. Assim, a partir do estudo dos repertórios linguísticos torna-se possível visibilizar as permanências e rupturas na produção de sentidos sobre determinado tema (Aragaki; Piane; Spink, 2014).

Benedito Medrado (1998) advoga em favor do uso dos repertórios na pesquisa em Psicologia Social, uma vez que nessa perspectiva os discursos são vistos como polissêmicos, dinâmicos, sendo, portanto, analisados e compreendidos de maneira contextualizada, social e historicamente, quanto à sua produção. Outra característica importante é o fato de que os repertórios não são intrinsecamente ligados a um determinado grupo social, nos quais haveriam modelos únicos de respostas possíveis no cotidiano. Os repertórios estão disponíveis às pessoas, e são utilizados em diferentes momentos e situações, de maneira contextual.

No estudo dos repertórios, nem grupos, nem pessoas têm sua caracterização ligada a um único tipo de discurso. Dessa maneira, não há na análise dos repertórios a busca por encontrar um consenso em seu uso, o que denota que pessoas e grupos não usam sempre o mesmo repertório.

Indubitavelmente, a coerência é importante na análise do discurso. É útil para identificar as ocasiões em que as pessoas utilizam um certo tipo de repertório, porém analistas não ousariam afirmar que em outras ocasiões essas pessoas vão produzir necessariamente os mesmos repertórios.

No cerne desse conceito, o que se destaca é menos o consenso e mais a variabilidade. O foco é menos sobre as regras e mais sobre o uso da linguagem (Medrado, 1998, p. 99).

É importante destacar que não há uma teoria dos repertórios, pois eles são parte de uma abordagem mais ampla, que se interessa em estudar os discursos. Isso significa que os repertórios não podem ser estudados isoladamente; há que se considerar outros fenômenos do discurso, além de outras análises adicionais (Medrado, 1998).

Benedito Medrado (1998), utilizando referencial teórico do construcionismo social, continua seu texto apresentando o intuito de construir um modelo teórico e metodológico que dê conta dessa questão, com foco na compreensão dos sentidos produzidos no cotidiano. Uma vez que a produção de sentidos é um fenômeno da linguagem, tal modelo busca apreender as práticas discursivas cotidianas, ou seja, conversas, argumentações e narrativas, e, assim, identificar os repertórios utilizados nessas produções.

## 6 RESULTADOS E ANÁLISE

### 6.1 Produção jornalística selecionada

Conforme explicitado no capítulo de metodologia, foram utilizados descritores relacionados à lesbianidade nas bases de dados escolhidas, a fim de encontrar matérias de jornais pernambucanos da primeira metade da década de 1980 que abordassem tal tema. Dessa maneira, a busca utilizando o termo “Lésbica” retornou cinquenta e nove (59) resultados para o Diário de Pernambuco (DP), e oito (8) resultados para o Diário da Manhã (DM). Uma vez que a pesquisa na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é separada por décadas, e utilizamos aqui apenas a primeira metade dos anos 1980, entraram para a base de dados da pesquisa trinta e três (33) matérias do DP e 8 matérias do DM.

Com o termo “sapatão” ocorreu um fenômeno peculiar: para além da questão da periodicidade da base de dados, que retorna resultados para uma década inteira, o termo em questão era também o apelido de um jogador de futebol da época. Por esse motivo, para o DP, foram cento e trinta e uma (131) ocorrências, e para o DM, dez (10). Para esse trabalho, foram utilizadas vinte e seis (26) matérias do DP, e sete (7) do DM.

Para “lesbianismo”, foram trinta e sete (37) resultados no DP, e seis (6) no DM. Desses, vinte e três (23) do DP e as seis (6) do DM entraram para o corpus da pesquisa. “Mulher com mulher” retornou apenas seis (6) resultados para o Diário de Pernambuco, dos quais cinco (5) integram essa pesquisa, e “mulher homossexual”, também apenas no DP, resultou em sete (7) ocorrências, das quais apenas duas (2) atenderam aos critérios para alimentar o exercício analítico. Dessa maneira, o número total de matérias, de ambos os jornais, que foram analisadas é de cento e dez (110), distribuídas entre os anos de 1980 até 1985.

O quadro abaixo apresenta de maneira sistematizada as informações sobre os resultados das buscas realizadas na Hemeroteca digital, conforme apresentados acima, de maneira a auxiliar na visualização dos dados.

**Tabela 4 - Resultados das buscas na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**

Termo de busca utilizado	Nº de matérias localizadas		Nº de matérias selecionadas	
	Diário de Pernambuco	Diário da Manhã	Diário de Pernambuco	Diário da Manhã
Lésbica	59	8	33	8
Sapatão	131	10	26	7
Lesbianismo	37	6	23	6
Mulher com Mulher	6	-	5	-
Mulher homossexual	7	-	2	-
<b>Total</b>	<b>240</b>	<b>24</b>	<b>89</b>	<b>21</b>

Os outros termos de busca que foram incorporados ao projeto após a etapa de qualificação também foram utilizados como chaves de busca, porém nenhum resultado foi relevante e relacionado ao tema pesquisado, não fazendo parte do corpus de análise. Apesar disso, há a presença em uma matéria analisada do termo “entendida”, apesar de essa matéria não ter sido localizada ao se utilizar tal termo na Hemeroteca Digital.

Por se tratarem de jornais com aproximadamente quarenta anos de publicados, é possível que alguns resultados não tenham sido localizados por erros de digitação, ou por conta da qualidade da digitalização dos documentos disponibilizados nos bancos de dados dos jornais.

## 6.2 Nomeações sobre lesbianidade e lesbofobia

Gostaria de iniciar a discussão dos resultados localizados nas matérias dos jornais apresentando duas imagens: uma composta pelos termos mais utilizados nos trechos que fazem referência às lesbianidades de maneira geral, e outra composta pelas palavras que mais ocorreram nos trechos relacionados à lesbofobia.



Nesse primeiro momento, não estamos interessadas em produzir conjecturas acerca da intencionalidade no uso de cada uma das palavras que formam as nuvens apresentadas. Pretendemos, outrossim, possibilitar a visibilização da pluralidade de termos que são utilizados nas matérias selecionadas, quando é mencionada a lesbianidade, ou quando são explicitados trechos que abordam a lesbofobia e a discriminação das vivências de mulheres lésbicas.

Há entre as duas nuvens de palavras muitos pontos de convergência, tais como a utilização na nomeação “lésbica”, que aparece em ambas, com tamanho relativamente similar. “Homossexualismo” também é um termo comum, bem como “lesbianismo”. Mas o que desperta atenção na comparação entre ambas as nuvens de palavras são suas divergências.

Na primeira imagem, a palavra “mulher” se destaca de maneira contundente, seguida do termo “lésbica” e, em seguida, “lesbianismo”, sendo a quarta palavra mais comum “homem”. Já na segunda imagem, temos como termo mais repetido “Maria Sapatão”, seguido por “mulher”, “lésbica” e “música”. A palavra “homem” não tem tanto destaque nessa segunda imagem, mas ainda assim, ela se apresenta de maneira visível.

Conforme apresentado no primeiro capítulo desse trabalho, as vivências afetivas e sexuais de mulheres lésbicas ainda são comumente compreendidas pela sociedade em geral a partir de uma comparação com as relações heterossexuais, em que se espera que uma das parceiras desempenhe uma atribuição de gênero masculino. Esse entendimento pode ser um indicativo dos motivos para o termo “homem” aparecer com relativo destaque em ambas as nuvens de palavras acima.

Apesar disso, a presença de palavras como “amor”, “amorosa”, “relacionamento”, “relação”, “filho”, “mãe”, “amante”, “caso”, “sexo”, em especial na primeira imagem, denota a amplitude de interpretações e entendimentos acerca das vivências das mulheres lésbicas. É importante compreender que nenhuma dessas palavras tem um sentido inerente, único, podendo um mesmo termo ser utilizado em discursos que buscam a disputa com as narrativas estereotipadas reverberadas na sociedade, mas também podendo fazer parte da cristalização de sentidos acerca das vivências dessas mulheres.

Por outro lado, na segunda imagem o destaque dado a “Maria Sapatão” e também “sapatão”, que não estão presentes na primeira nuvem de palavras nos leva a refletir sobre a imagem pejorativa associada ao uso de tais nomeações. Outros termos que podem ser localizados na segunda nuvem de palavras são “ciúme”, “doença”, “inatural”, demonstrando a

estigmatização sofrida pelas lésbicas, o que dialoga diretamente com os apontamentos trazidos no início da dissertação. Também na segunda nuvem de palavras podemos ver, mesmo que em menor dimensão, palavras como perseguição, morta, violento, maldita e outras que carregam um alto teor de agressividade, uma das características associadas à lesbofobia.

A identificação desses termos, expressões e palavras utilizados nas matérias analisadas nos fornece pistas para a compreensão dos diferentes repertórios sobre lesbianidades e lesbofobia, em circulação à época, conforme apresentado nos tópicos seguintes.

### **6.3 Modos de subjetivação lésbico nas letras dos jornais**

Primeiramente, é importante mencionar que em nenhuma das matérias aqui analisadas foi utilizado o termo “lesbianidade”. Na década de 1980 ainda estava em discussão a retirada da homossexualidade das classificações internacionais de doença, sendo utilizado com grande frequência “homossexualismo” para se referir a essa orientação sexual. Da mesma maneira, “lesbianismo” era a maneira com que comumente as pessoas se referiam às mulheres lésbicas e suas relações e vivências.

Não obstante, o uso do referido termo pode ter diversos sentidos, desde referir-se à orientação sexual, aos posicionamentos de sujeito relacionados a essa categorização, ou até mesmo ser resumido às práticas sexuais entre duas mulheres. Observe-se os exemplos abaixo, desses três repertórios diferentes, que podem advir da utilização de uma mesma palavra, dependendo de seu contexto de uso.

Em determinado trecho de uma matéria que traz uma entrevista com uma escritora lésbica, a pessoa entrevistadora faz a seguinte pergunta: 1) “O lesbianismo pode revelar-se numa mulher, quando ela já tem marido e filhos?”. Perceba-se que essa pergunta se refere a um conjunto amplo de questões que envolvem se descobrir e se assumir lésbica, mesmo após ter vivências consideradas de uma mulher heterossexual. Questões que vão para além de simples atração sexual, mas que envolvem também uma dimensão afetiva e de identificação.

Uma observação importante a se fazer é que essa matéria mencionada acima é uma das poucas a realmente trazer a narrativa de uma mulher lésbica para falar sobre suas vivências, as discriminações sofridas, as perspectivas de se relacionar com outra pessoa do mesmo gênero, entre outras questões que não aparecem na maior parte das matérias dos jornais estudados.

Conforme dito acima, uma mesma palavra pode apresentar sentidos diferentes, de acordo com o contexto de uso. Isso pode ser percebido nesse trecho de outra matéria, onde se lê 2) “Os conflitos familiares, num forte emaranhado onde apresenta-se o lesbianismo e experiências sexuais outras”. Aqui o uso do termo pode ser percebido como uma expressão de uma prática ou experiência sexual, despindo-o de uma conotação afetiva ou de vivências outras.

Em outra matéria, temos a seguinte afirmação: 3) “no homossexualismo feminino (lesbianismo ou safismo), a mulher teme mais outra mulher que um homem”. Aqui, além de termos ainda outros dois sinônimos trazidos para enfatizar sobre o que se está falando, nota-se a utilização dessa nomeação para falar sobre o relacionamento amoroso entre duas mulheres, extrapolando a noção de sexualidade e incorporando também o sentido de uma conjugalidade, para além de apenas uma prática sexual ou uma orientação sexual e afetiva.

A lesbianidade também pode surgir como uma identidade, um atributo a partir do qual as matérias se referem a uma pessoa ou grupo de pessoas, como pode ser observado nos trechos a seguir, de diferentes matérias:

**As lésbicas são consideradas, em geral, mais livres**, mas poucos sabem que é justamente esta suposta liberdade maior que as mantém presas ao isolamento - disseram as entrevistadas. A mulher que escolhe um papel sexual que a sociedade rechaça (ou considera doentio e imoral), fez uma escolha "contra a corrente", que a obriga a manter uma atitude de luta diante do mundo. Uma das mulheres que "desabafou" com a imprensa italiana disse literalmente: "Sinto-me rígida dentro de meu próprio corpo. E por causa do medo de ser uma "presa" um medo que passei a experimentar a partir do momento em que meus atributos femininos me fizeram sentir como "um objeto" do desejo do homem: enfim, como se eu fosse uma "presa" perseguida por uma horda de caçadores” (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 18/11/1980).

É preciso entender, por outro lado, que não é só o sexo (homem-mulher) que determina os papéis sociais. Também o uso da sexualidade cria categorias sociais diferenciadas (heterossexual-homossexual). **As mulheres homossexuais dizem que pretendem "sair da cultura e da sociedade"**. Na verdade, trata-se, para elas, de sair de uma cultura que as rejeita. "Não é possível, no entanto, sair desta cultura, sem pagar o preço do isolamento e isso implica fatalmente num empobrecimento, que pode levar até a loucura” (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 18/11/1980).

Trata-se de uma questão religiosa e, portanto, fora da competência da Justiça norte-americana, **o caso da jornalista lésbica Christiane Madsen**, que foi despedida pelo diretor do jornal "Christian Science Monitor" de Boston.

Motivo: a homossexualidade contraria os princípios da seita religiosa da qual faz parte a mencionada publicação. Foi este o veredito da Corte Suprema do Estado de Massachusetts, que confirmou a tese do diretor do "Christian Science Monitor", que em 1981 mandou embora Christiane Madsen baseando-se num direito constitucional.” (Diário de Pernambuco, Página B-4, Feminino, 08/09/1985).

(California) A primeira cidade controlada por homossexuais aprovou, em princípio, uma lei local que permite homossexuais e outros parceiros do município obter uma autorização legal semelhante ao casamento, com diversos efeitos e vários direitos dos casais legalmente unidos pelo matrimônio. O Conselho Municipal, **liderado pela prefeita lésbica Valérie Terrigno**, insistiu em dizer que a lei não visa apenas aos homossexuais, mas deverá beneficiar também outros cidadãos maiores de 18 anos residentes no município. A proposta aprovada - semelhante a uma lei vigente em Berkeley, na Califórnia - dá aos parceiros não casados alguns dos direitos dos casais, como o direito de visita nos hospitais e nas prisões. A proposta foi aprovada por 5 votos 0 quinta-feira a noite. Dentro de 30 dias será realizada uma reunião pública para a aprovação final. Em novembro do ano passado, os eleitores locais aprovaram a emancipação de West Hollywood, um enclave conhecido pela chamada área de "sunset strip", cheia de animadas casas noturnas.". (Diário de Pernambuco, Página A-21, Internacional, 10/02/1985).

Há outros trechos similares, mas os apresentados aqui são suficientes para perceber a forma como a homossexualidade é utilizada como um marcador para identificar de quem se está falando. As lésbicas, as homossexuais, como se estivesse referindo a um grupo social homogêneo.

Como dito anteriormente, a lesbianidade pode ser resumida apenas a relações e práticas sexuais, eróticas. Grande número de matérias apresentou em seus textos esses repertórios, abaixo são apresentadas apenas algumas para fins de exemplo:

A antiga área de lazer de Piedade, construída com financiamento do Projeto Jaboatão, está agora abandonada, as escuras, entregues à ação de marginais e servindo para a proliferação de barracas infectas e **até "disfarçados" motéis, sendo o ponto preferido de casais, homossexuais e lésbicas que ali utilizam os bancos de cimento**. A denúncia é feita por moradores da localidade, que já pediram ao prefeito de Jaboatão para proceder limpeza na área e recuperar os brinquedos danificados por desajustados. As lâmpadas quebradas, o terreno invadido pela vegetação, a proliferação de barracas sem estética nem higiene, para venda de bebidas e comidas, dão ao local a triste impressão de que a Municipalidade o construiu apenas para gastar o dinheiro do "Cura-Jaboatão", sem interesse de mantê-lo como ponto de recreação para a garotada e familiares. (Diário de Pernambuco, Página A-11, Cidade, 11/09/1983).

Outro dia, vimos na TV um "especial" onde três cantores famosos, desses que a moçada adora, desmunhecando cinicamente. Por fim, se beijaram na boca, na frente de milhões de telespectadores. **Agora, isso virou moda: homem transar com homem; mulher transar com mulher**. Não mais tem cartaz os grandes artistas, vestidos com roupa de homem, as grandes vozes. O público não quer saber deles, esqueceu-os. Os aplaudidos, atualmente, são os cantores histéricos, de camisolão, rebolando no palco e soltando gritinhos de veado. (Aliás, até o nome: mudaram, eles são chamados de bissexuais). Por sua vez, as cantoras também, a maior parte aceita a tal estória de "entendida", que, lá na linguagem delas, quer dizer "lésbica". Essa gente toda é que tem vez! (Diário de Pernambuco, Página A-10, Opinião, 25/04/1981).

Confesso, antes de mais nada - diz Kate Millet - que não estou totalmente convencida de que entre Eleanor Roosevelt e Lorena Hickok tenha havido uma verdadeira relação homossexual. A época estava cheia de tabus e, afinal, a própria posição social de Eleanor não era nenhuma brincadeira ... de qualquer maneira, tratou-se, sem dúvida alguma, de uma relação "monoanalista", que é uma relação entre pessoas do mesmo sexo e que – naquela época - no caso das mulheres, em particular, nunca chegou a ser exaustivamente documentada. Já foram encontradas muitíssimas cartas escritas, em 1800, por muitas mulheres norte-americanas que mantinham uma intensa correspondência, por anos a fio. Até 20 anos. Estudando estas cartas, averiguamos, no entanto, que as mulheres que as escrevem, embora estivessem apaixonadas, **nunca protagonizaram uma relação homossexual em toda sua plenitude**, ou seja, estavam totalmente "perdidas", uma pela outra, mas casavam-se, tinham filhos, **e seu amor lésbico nunca se manifestava de maneira concreta**, permanecendo num estado de amizade amorosa, um afeto absorvente. No século passado houve inúmeros casos desse gênero e foi grande a surpresa de quem mais tarde os descobriu através de uma correspondência amorosa. Pois se é verdade que toda aquela foi caracterizada por profundas amizades femininas, é verdade também que nunca ninguém supôs, naquele tempo, que se tratasse de amizade de fundo lésbico. Foi justamente o que aconteceu com as cartas que Eleanor escreveu a Lorena (2.336). Lorena a Eleanor (1.024). Elas surpreendem por sua fanática devoção e pela paixão que expressam, mas – ao meu ver - não podem ser interpretadas como uma prova de homossexualismo. (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 29/10/1980).

O presidente Josemil Correia baixou ato cassando o direito de cinco mulheres associadas do Náutico. **As cinco estavam reunidas num banheiro do clube em atos libidinosos** e escandalizam da família alvirrubra. A turma do sapatão estava comemorando um aniversário com vinhos, queijos e gritinhos histéricos. Josemil Correia soube do fato e tomou a decisão. Há meses que estas mulheres estavam sendo visadas e na quinta-feira passada, a diretoria acabou flagrando .. Uma senhora foi atacada pelas mulheres e abriu a boca no mundo. O Náutico tentou esconder o fato da imprensa (Diário da Manhã, Página 10, Esportes, 29/09/1984).

Kika contou então, que conheceu Teresa Cristina há 45 dias quando ambas foram comprar cosméticos na casa de uma tal Maria Luisa, na Rua Eliseu Alvarenga na Chatuba. As duas se apaixonaram imediatamente e como **Teresa se queixava de que o marido não a satisfazia inteiramente o relacionamento entre as duas transformou-se num verdadeiro delírio de sexo**. Delírio que era atrapalhado por Raimundo porque impedia a mulher de sair reclamava das visitas de Kiki e tinha ciúmes excessivos tanto que elas decidiram eliminá-lo. (Diário da Manhã, Página 5, 14/08/1982).

Por fim, algumas matérias apresentam o entendimento de que ao se afirmar lésbica, a mulher passa a posicionar-se socialmente de maneira diferente, sendo esperados certos comportamentos dela, inclusive comportamentos considerados “masculinos”, como pode ser verificado nos trechos ilustrativos a seguir:

A versão da estória é que Elisane tranzava com Alizas, mais era muito maltratada, **daí ela revoltada com os homens resolveu ser lésbica** isso deixou Elias com muita raiva de ser abandonado para Elisane ser sapatão, por esse motivo ele resolveu assassiná-la. A polícia ainda não tem uma estória concreta para chegar a uma conclusão, as devidas investigações estão sendo realizadas. (Diário da Manhã, Página 5, 23/01/1985).

RIO (ADM) - Policias da 62a. DP, em Magé, estão diligenciando para esclarecer em detalhes a história contada por Leila Sandra de Lima, de 21 anos, segundo a qual sua amiga, Glória das Graças Martins, de 30 anos e vendedora autônoma, foi assassinada por um homem negro que portava dois revólveres e as violou. O corpo de Glória foi encontrado num terreno baldio perto do cemitério de Magé vestindo apenas uma calcinha vermelha e **a Polícia suspeita do caso porque ela, lésbica, vivia com Leila e esta não tomou qualquer atitude para escapar do criminoso**". (Diário da Manhã, Página 1, Caderno Especial, 05/11/1980).

Em dezembro, a jornalista, que de secretária da redação passou a repórter de um dos suplementos do jornal, foi oficialmente advertida dos rumores relativos à sua sexualidade. **Dizia-se na redação que ela havia se casado em segredo com outra mulher e inclusive tentado seduzir a esposa do patrão**. Numa entrevista com um de seus chefes, a jovem desmentiu categoricamente essas versões, mas admitiu sua homossexualidade. Segundo sua advogada, acreditava que com isso poria termo às calúnias sem imaginar o que se seguiria. Seu interlocutor começou por aconselhá-la a "curar-se por si mesma" e relendo a Bíblia. Christine respondeu que não se sentia doente e que assumia bem sua maneira de ser. E então o redator-chefe ameaçou-a de demissão. (Diário de Pernambuco, Página B-1, Viver, 30/09/1985).

A sociedade estabeleceu que a anatomia, o espírito de iniciativa, a razão e a criatividade sejam atributos especialmente masculinos. **Pois bem, toda mulher que rejeita a relação com o homem, por não aceitar um papel subalterno com respeito a ele, sente-se "masculina" ela também**. E assim acontece que, ao procurar a liberdade frente a cultura, ela acaba "trancada" nos próprios esquemas da cultura, ao modificar seu papel sexual ela procura, então, criar uma nova cultura dentro da cultura oficial. Nessa sua busca, porém, há sempre implícita uma renúncia, ou uma aceitação resignada, que pode ser assim resumida: "Se não podes ser um indivíduo como "mulher-frente-ao-homem", procura sê-lo frente a mulher, e com a mulher. (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 18/11/1980).

Essas expectativas quanto aos comportamentos associados à lesbianidade estão diretamente conectados à estigmatização que as mulheres lésbicas sofrem, conforme abordado na discussão trazida no primeiro capítulo desse trabalho. O próximo tópico traz trechos de matérias que ilustram esses repertórios sobre lesbofobia.

#### 6.4 A lesbofobia na mídia jornalística

A lesbofobia diz respeito à discriminação e preconceito direcionados a mulheres apenas por elas serem homossexuais. Nesse sentido, a lesbofobia pode se expressar a partir de xingamentos, violência psicológica, moral ou física, e também com a estigmatização e exclusão social dessas mulheres.

Uma mulher pode sofrer lesbofobia ao ser rejeitada para um emprego ou demitida por conta de sua orientação sexual. Obviamente, este termo não se expressa explicitamente na produção jornalística da década de 1980. Mas, narrativas explicitam dinâmicas violentas. Isso pode ser observado nas matérias que fazem menção ao caso da tenista Billie Jean King, que teve um relacionamento com sua secretária exposto na mídia, um escândalo à época; e o caso da jornalista Christine Madsen, que foi demitida de seu emprego por ser lésbica e esse fato ferir as regras morais de seu estabelecimento de trabalho. Os trechos podem ser vistos a seguir:

A senhora King afirmou que embora tenha recebido muitas cartas de adesão **quando, em 1981, admitiu a relação com sua secretária Marilyn Barnett, logo perdeu diversos contratos publicitários** e seu marido, um promotor de esportes, também perdeu muitas oportunidades comerciais, tudo num valor superior a dois milhões de dólares. “Francamente, creio que me tornei muito mais cínica. Principalmente pela forma em que agiu a comunidade comercial. Penso que eventualmente mudara de atitude, pelo menos assim o espero”, disse a tenista. (Diário de Pernambuco, Página B-4, Feminino, 10/01/1984).

Homossexualismo e jornalismo não parecem muito compatíveis nos Estados Unidos. Uma jornalista do famoso Christian Science Monitor acaba de comprová-lo duplamente. **Por ter admitido no gabinete de um redator-chefe que era lésbica, Christine Madsen foi despedida do cargo que ocupava há sete anos** no conhecido jornal de Boston. E a Corte Suprema de Massachusetts, a que recorreu, justificou a medida e lhe negou o milhão de dólares de danos e prejuízos que havia exigido.

Em dezembro, a jornalista, que de secretária da redação passou a repórter de um dos suplementos do jornal, **foi oficialmente advertida dos rumores relativos à sua sexualidade.** Dizia-se na redação que ela havia se casado em segredo com outra mulher e inclusive tentado seduzir a esposa do patrão. Numa entrevista com um de seus chefes, a jovem desmentiu categoricamente essas versões, mas admitiu sua homossexualidade. Segundo sua advogada, acreditava que com isso poria termo às calúnias sem imaginar o que se seguiria. **Seu interlocutor começou por aconselhá-la a "curar-se por si mesma" e relendo a Bíblia.** Christine respondeu que não se sentia doente e que assumia bem sua maneira de ser. E então o redator-chefe ameaçou-a de demissão. (Diário de Pernambuco, Página B-1, Viver, 30/09/1985).

Esse último excerto mostra como a lesbianidade pode ser associada a doenças ou desvios morais, a partir de uma visão estigmatizada acerca dessa orientação sexual. Essa compreensão

advém de uma construção histórica, baseada em discursos religiosos, médicos e do direito, que foi consolidando ao longo do tempo um estereótipo sobre as mulheres lésbicas. Abaixo alguns exemplos desses repertórios:

As lésbicas são consideradas, em geral, mais livres, mas poucos sabem que é justamente esta suposta liberdade maior que as mantém presas ao isolamento - disseram as entrevistadas. **A mulher que escolhe um papel sexual que a sociedade rechaza (ou considera doentio e imoral), fez uma escolha "contra a corrente", que a obriga a manter uma atitude de luta diante do mundo.** Uma das mulheres que "desabafou" com a imprensa italiana disse literalmente: "Sinto-me rígida dentro de meu próprio corpo. E por causa do medo de ser uma "presa" um medo que passei a experimentar a partir do momento em que meus atributos femininos me fizeram sentir como "um objeto" do desejo do homem: enfim, como se eu fosse uma "presa" perseguida por uma horda de caçadores; (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 18/11/1980).

- E juiz bicha, você conhece algum?

Esse nome bicha fere. Vamos dizer homossexual. **Aliás Freud, o pai da psicanálise explica muito bem isso, quando fala sobre a lésbica e o homossexualismo, mas eu nada tenho contra.**

E procurando dar suas explicações, vai mais além.

**Nada tenho contra essa gente que sofre de uma anomalia sexual.** E isso não pode impedir ninguém de exercer sua função. O homossexual tem direito a viver

- Mas Tele disse que não quer homossexual na seleção.

Sim, mas eu não tenho esse pensamento. Tem homossexual advogado, médico, até, dizem ministros por ai, por que é que não pode ter juiz de futebol?. (Diário de Pernambuco, Página A-27, Esportes, 01/01/1982).

Um livro-escândalo está abalando a opinião pública norte-americana: **é a história (em cartas) da paixão "inatural" que Eleanor Roosevelt, esposa do famoso presidente dos Estados Unidos, alimentou por Lorena Kickok,** uma jornalista da "Associated Press". A primeira-dama, de 48 anos de idade, e a jornalista, de 40. Nas cartas, beleza e perfeição. Homossexualismo feminino, ontem e hoje. Alguns aspectos de sua história e de sua problemática examinados pela escritora, pintora, escultora e feminista Kate Millet. O amor entre duas mulheres, que a sociedade continua "malhando" ...; (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 29/10/1980).

- O lesbianismo pode revelar-se numa mulher, quando ela já tem marido e filhos? E, inclusive, pelo fato de ela estar decepcionada com sua vida amorosa?

Acho que, atualmente, há mais mulheres adultas, com coragem suficiente para assumir sua própria homossexualidade. Por que? Porque elas são mais emancipadas, e sabem que ninguém poderá proibir-lhes esta experiência. A sociedade, no entanto, continua se defendendo ... **Na época do caso "Eleanor-Lorena", a homossexualidade era considerada "um pecado". Hoje em dia, é doença, é característica de "gente errada", é tara que vem de longe** etc. No entanto, se a gente fosse realmente livre de se apaixonar por todos (ou seja, por homens e mulheres) pouquíssimos de nós seriam só e exclusivamente "heterossexuais" ou "homossexuais". Mais um dado: a discriminação na homossexualidade. Nas ruas, por exemplo, há muito mais pederastas do que lésbicas, e as razões deste fenômeno estão na própria sociedade. Desde Saffo

até o advento do vigésimo século, não há quase nenhuma prova concreta de relações homossexuais entre mulheres. **Costuma-se afirmar que, naquele tempo, a lésbica só existia em casos particulares e bizarros.** Há documentos da Idade Média, por exemplo, dos quais resulta que os homossexuais homens eram queimados. Mas não são relatados casos de mulheres queimadas, por serem lésbicas. Assim sendo, temos às nossas costas 2.500 anos de silêncio, mas ninguém pode duvidar de que neste período todo tenha existido a homossexualidade feminina, porque ela faz parte da própria natureza humana, justamente como a heterossexualidade. Amor é amor e, apesar das circunstâncias especiais e das leis, das prevenções e dos tabus, afinal apesar deste terrível peso de restrição e punição, este particular impulso existe desde sempre - interessante notar, por outro lado, que o "safismo" acompanha, passo a passo, a emancipação feminina. De qualquer maneira, o primeiro requisito para poder vivenciar a homossexualidade é ter uma independência econômica: se não houver esta premissa, o estilo de vida "diferente" nunca poderá funcionar. É possível, portanto, que, durante séculos, a homossexualidade feminina tenha funcionado só com encontros fugazes e secretos, pura e simplesmente porque as duas partners, por não serem economicamente independentes, não podiam viver juntas"; (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 29/10/1980).

“O ciúme, em termos de posse ou de exclusivismo sentimental e sexual, é mais necessário para o homossexual, tornando-o uma obsessão delirante, quase mórbida". Fazendo uma análise sobre os crimes envolvendo homossexuais, ocorridos nos últimos meses em nosso Estado, o criminalista afirmou que "a observação ou a experiência comum, **casos ocorridos e processos criminais, bem conhecidos, evidenciam que é mais forte, mais pleno de contrastes, mais obsessivo, mais violento, mais criminógeno, o ciúme oriundo da relação homossexual - seja masculina ou feminina - que o da heterossexual.** Entre os homossexuais, as manifestações ou casos de ciúmes são constantes, mais dramáticos e quase sempre ameaçadores de violência, numa atmosfera de tensão ou de angústia, apta a romper, a qualquer momento, o equilíbrio psíquico da personalidade. O ciumento homossexual é mais possessivo e agressivo que o heterossexual. (Diário de Pernambuco, Página B-1, Viver, 14/11/1984).

O ciúme é um fator muito presente nas narrativas construídas acerca das lesbianidades, principalmente em matérias que visam publicizar crimes cometidos por mulheres homossexuais. O próprio título da matéria pode ser utilizado para veicular esse estereótipo, e a estigmatização também aparece no corpo das matérias, como podemos constatar nos exemplos trazidos abaixo:

#### **“Lésbica ciumenta**

Ao chegar em casa na Rua Bernardino de Melo, 376, Águas Compridas, Elza Severina de Oliveira tomou conhecimento que sua amante Maria da Paz dos Santos, de 26 anos, tinha passado toda a manhã conversando com uma desconhecida. **Elza perdeu o controle e procurou a companheira, iniciando a discussão.** Da Paz respondeu que conversava com quem queria, o que a irritou ainda mais. Com um martelo, Elza bateu

várias vezes na vítima, que, ao se defender, sofreu fratura do braço direito.” (Diário de Pernambuco, Página A-12, Polícia, 10/11/1980).

“São Paulo- Foi trágico e terrível. Um desfecho de sangue. Assim acabou o amor envolvendo duas mulheres e um homem. O que vale dizer que um triângulo amoroso acabou em tragédia. A assassina é conhecida por índia'. E chama-se Valdeci Antônio Aguilera, 35 anos. **Foi ela quem desesperada louca de ciúme matou com três tiros, seu rival,** Miguel de Oliveira Lima, cujo cadáver foi encontrado numa quebrada do Jardim Turibio, município de Osasco.” (Diário da Manhã, Página 5, 12/07/1984).

“A sapatão Cleide Matia Cordeiro de Almeida, 20 anos residente à rua Maranhão número 49 Jardim Brasil em Olinda há vários meses vem mantendo um relacionamento muito íntimo com Marta José da Silva Oliveira (Zeze morando juntas há muito tempo sem haver nenhum problema acontece que ontem **Cleide flagrou sua amiga 'Zezé' conversando com outra no maior papo e a coisa ficou feia pois Cleide morta de ciúmes partiu para sua querida Zezé** danada da vida e desferiu-lhe um golpe de faca no braço esquerdo que resultou Zezé indo parar no Hospital Agamenon Magalhães. Cleide ainda lhe advertiu que se contasse a Polícia poderia até mata-la” (Diário da Manhã, Página 7, Ocorrências Policiais, 17/01/1981).

Vai daí, sempre segundo vizinhos, que o romance teve final trágico. **Índia não suportou ver a sua amante transando com outra mulher,** Era antigo o caso entre os duas, tanto é verdade que acabou em drástico caso. As amigas falam: - **A Índia estava muito louca pela menina.** Vai que não suportou a paixão. E acabou por fazer esta besteira. Eu de minha parte, nem quero ter o meu nome publicado em jornal porque sabe **a gente que já é entendida é vista de um modo ruim.** Imagine, envolvida em um crime assim. (Diário da Manhã, Página 5, 12/07/1984).

Percebe-se como a imagem construída da lésbica é de uma pessoa desequilibrada emocionalmente, agressiva, violenta e ciumenta. Mas os estigmas associados à lesbianidade vão para além disso, e podem aparecer de maneira jocosa, inclusive. É o caso das matérias falando sobre o grande sucesso da marchinha de carnaval, lançada em 1981, “Maria Sapatão”, interpretada pelo famoso apresentador de TV Chacrinha. Das 110 matérias analisadas, 25 tinham como foco a música ou outros elementos carnavalescos, como uma troça de mesmo nome e um concurso de fantasias.

O sucesso da referida música levanta a questão da importância das mídias em geral na propagação e manutenção de certas narrativas, como foi argumentado no início da presente dissertação. O fato de o intérprete da música ser um apresentador de televisão e comunicador popular, com alcance nacional, auxiliou na popularização e manutenção da música dentre as mais tocadas no carnaval durante, pelo menos, metade da década de 1980.

O que poderia parecer uma brincadeira inocente, na verdade, ridiculariza e estigmatiza as vivências lésbicas, ao estabelecer que todas seguem a máxima “de dia é Maria, de noite é João”, transformando em chacota e piada as vidas e relacionamentos de todo um grupo social.

A popularidade da música, suas regravações e até a divulgação internacional da mesma demonstra como a homossexualidade feminina não é levada a sério, parecendo que, de fato, se trata de uma fantasia.

### 6.5 Falando sobre atuação política: há espaço para mulheres lésbicas?

De maneira consoante ao que foi falado nos primeiros capítulos do trabalho, na década de 1980 os esforços organizados do movimento lésbico no Brasil ainda eram escassos, com a figura do GALF aparecendo como pioneira nesse sentido. Esse fato pode ser observado à medida em que nenhuma matéria analisada faz menção a movimento lésbico, ou grupos organizados lésbicos, a não ser uma pequena chamada do Grupo Lésbico-Feminista para um concurso de poesias, mas grandes apreciações sobre seu lugar na luta pelos direitos das mulheres lésbicas.

Não há, em nenhum dos trechos das 110 matérias analisadas, menções à organização popular de lésbicas em Pernambuco, seja no âmbito institucional ou comunitário – como foi trazido no primeiro capítulo, os primeiros passos do movimento lésbico no estado foram de característica primeiramente individual, e, em seguida, na atuação em comunidade.

Em geral, as narrativas sobre atuação política falam sobre a participação no movimento feminista, e, em sua grande maioria, de mulheres e grupos estrangeiros:

“Viva Sapata (editora Record) é a história da própria autora (Rita Mar Brown), **poeta, romancista, conferencista, homossexual doidamente assumida e ativa tanto no movimento feminista como no movimento gay.** Gay ela própria, dessas que colocam as mãos na cabeça para o vento não levar, não lhe foi difícil criar a sua própria imagem e semelhança a personagem principal deste livro medíocre da primeira à última página. Aos 7 anos Molly descobre por acaso que é filha adotiva e que sua mãe verdadeira é uma vagabunda e o pai, um desconhecido”; (Diário de Pernambuco, Página B-10, Cinema/Artes, 21/08/1982).

“Um livro-escândalo está abalando a opinião pública norte-americana: é a história (em cartas) da paixão "inatural" que Eleanor Roosevelt, esposa do famoso presidente dos Estados Unidos, alimentou por Lorena Kickok, uma jornalista da "Associated Press". A primeira-dama, de 48 anos de idade, e a jornalista, de 40. Nas cartas, beleza e perfeição. Homossexualismo feminino, ontem e hoje. **Alguns aspectos de sua história e de sua problemática examinados pela escritora, pintora, escultora e feminista Kate Millet.** O amor entre duas mulheres, que a sociedade continua "malhando" ...”; (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 29/10/1980).

“Sem comentar outros pontos-de-vista do líder comunista, não se atina para o que o sr. Hércules Corrêa considera "regime democrático pleno". Tudo indica que não seria o modelo soviético, pois enquanto aqui ele próprio reconhece um processo de abertura em andamento, de Moscou vem a notícia de que **"as autoridades soviéticas decidiram expulsar do país Tatiana Mamonova, fundadora da primeira publicação feminista da União Soviética, conhecida por suas atividades artísticas e literárias"**. Ainda segundo a notícia, Tatiana teve sua cidadania cassada e foi expulsa, junto com o marido e o filho de quatro anos, segundo informaram fontes dissidentes". O crime de Tatiana (não se duvide se os defensores do regime soviético, logo mais, estejam espalhando pelos quatro cantos do mundo que a dissidente não passa de uma lésbica ou alienada), foi o de lutar por melhores dias para a mulher soviética (em Cuba, segundo a deputada Cristina Tavares, a mulher é mulher mesmo, o que não ocorre na União Soviética), por considerar a URSS como "uma sociedade inteiramente dominada por homens". Colocação que, certamente, ofendeu os "machões" da terra de Lenin"; (Diário de Pernambuco, Página A-2, Política, 23/07/1980).

“Na próxima Páscoa, **a cidade italiana de Turim será a "capital" dos movimentos de libertação da mulher homossexual.** O comitê organizador dos congressos já divulgou um complicado programa que prevê a realização de **20 seminários focalizando, entre os demais temas, o lesbianismo, as relações com o movimento feminista, a saúde e a transexualidade.** Organizador do congresso é o "Fuori" feminino, um movimento homossexual que no começo era só masculino. O movimento em questão pede, em princípio, um reconhecimento oficial e "possivelmente, financiamentos governamentais para os congressos internacionais".”. (Diário de Pernambuco, Página B-2, Feminino, 16/01/1981).

Um dos poucos textos que falam sobre o feminismo brasileiro e sobre a atuação das mulheres lésbicas no mesmo, o faz de maneira desrespeitosa, desdenhadora:

“em último lugar, reitero, destaco o movimento Lieb<sup>5</sup> dos demais porque este possui uma característica fundamental que o distingue. É que o "Black Power", os separatismos e o "Gay Power" (masculino, porque **o homoxessualismo feminino, pelo menos no Brasil, está diluído no Lieb e tornou-se praticamente inseparável deste**) sempre lutaram por se fazerem respeitados, jamais contra alguém ou alguma coisa, ou pela obtenção de privilégios. No caso dos negros e de outras minorias raciais, por trabalho e salários, livre trânsito, livre moradia, pelo direito de frequentar restaurantes, escolas, hospitais, meios de transporte. Iazeres, etc. Os homoxessuais masculinos lutaram e lutam pelo merecimento de respeito humano (?), pelo direito de não serem considerados doentes (do que não se eximiram mesmo alguns sexólogos tidos como eminentes), para não serem vítimas da polícia e de punições judiciais que, em épocas historicamente recentes, iam desde as penas de reclusão até as de morte.”. (Diário de Pernambuco, Página A-16, Geral, 05/10/1980).

---

<sup>5</sup> O autor da matéria usa este termo para se referir ao movimento feminista, contra o qual tece duras críticas ao longo de seu texto.

Pode-se pensar que essa ausência de narrativas sobre atuação política se explique pelo ainda embrionário estado do movimento lésbico no país. Durante a década de 1980 as iniciativas começaram, mas ainda muito tímidas, sendo o GALF o representante-mor dos primeiros passos dos grupos organizados de lésbicas no Brasil. Em Pernambuco, apenas na década de 1990 o movimento começou a tomar forma. Então a ausência de narrativas pode significar a ausência de grupos organizados e ativos politicamente.

Os espaços possíveis de atuação política para essas mulheres eram no movimento homossexual, majoritariamente masculino, mas principalmente, nos grupos feministas que existiam à época. Apesar das disputas e conflitos existentes, os espaços feministas foram o berço do movimento lésbico que ganhou força e se emancipou ao longo da década de 1990.

Por outro lado, a ausência de notícias sobre essas atuações pode estar atrelada ao que Luiz Mott (1986) denomina de ‘enrustimento’ das lésbicas durante as décadas de 1970 e 1980, conforme discutimos no primeiro capítulo. O fato de escolher ser invisível, nesse caso, era uma questão de segurança para essas mulheres, dada a intolerância da sociedade à época com relação a seu ‘estilo de vida’.

## **6.6 Mas afinal de contas, quem está falando sobre as lesbianidades?**

Tão importante quanto sobre o que se fala, é quem está falando. E no caso das lesbianidades, em geral, quem fala não somos nós. Das 110 matérias lidas, menos de 10 focalizaram as narrativas de mulheres lésbicas. Um dos destaques mais importantes e significativos são as matérias que falam sobre as obras de Cassandra Rios, escritora lésbica. Nenhuma das menções à escritora tem teor positivo, o que não é novidade, dada a perseguição sofrida pela mesma no período da ditadura militar, como afirmamos no início na dissertação. No entanto, ao mencionar uma história com tema lésbico, de um escritor homem, os elogios não são poupados.

Ao focar as vivências lésbicas por vieses de doença, imoralidade ou anormalidade, Freud, Jung, Roger e outros especialistas no comportamento e sexualidade humanos são acionados; nas matérias sobre crimes – frequentemente por motivos de ciúme, descontrole, desequilíbrio – delegados, juízes, inspetores de polícia são os principais interlocutores. As

testemunhas também aparecem com frequência nessas matérias, opinando sobre os comportamentos e os rumores sobre a sexualidade alheia.

Isso remonta ao que foi dito no primeiro capítulo, os discursos hegemônicos sobre as lesbianidades foram construídos historicamente, respectivamente, por instituições religiosas, jurídicas e médicas. Não à toa, pessoas e instituições representantes desses discursos são acionadas nas matérias, para legitimar as narrativas veiculadas nas mesmas.

As diversas instituições de mídia, seja impressa, de rádio ou TV, foram frequentemente citadas, seja por conta de algum filme lançado onde há personagens lésbicas, seja por livros, biográficos ou não, que enfocam relações entre duas mulheres, seja por conta de músicas lançadas que tenham em suas letras menções à lesbianidade – como é o caso de “Maria Sapatão”, cantada por Chacrinha, um dos nomes que mais apareceu nas matérias analisadas.

### **6.7 Repertórios sobre lesbianidade produzidos pela mídia jornalística de Pernambuco da primeira metade da década de 1980**

Como pudemos perceber na apresentação dos resultados, as narrativas sobre lesbianidades nos jornais analisados não são uníssonas. Pelo contrário, o que se constata por meio dos trechos reproduzidos é a disputa entre diversos sentidos, produzidos por diferentes interlocutores. Esse fato corrobora com nosso foco nas análises de repertórios e práticas discursivas, uma vez que se configuram como efeitos de negociações e disputas (Méllo et al, 2007).

Prosseguindo com nossa análise, temos diversos trechos de diferentes matérias, nas quais a referência à lesbianidade se dá de forma a caracterizar ou identificar um grupo de pessoas: o das mulheres lésbicas. Essa categorização, como se as mulheres lésbicas fizessem parte de um grupo homogêneo, está associada aos estereótipos e às imagens sobre lesbianidades que são perpetuadas na sociedade, como nos informa Bruna Rodrigues (2011).

Também associada à questão de uma identidade, uma essência do que significa ser uma mulher lésbica, Denise Portinari (1989) explora a figura do ‘então eu soube que sempre fui’, momento em que ocorre a compreensão dessa mulher sobre sua sexualidade e afetividade. Ela revisita sua história de vida, a partir de uma nova luz que é lançada sobre suas vivências, e esse

movimento ocorre a partir de um movimento de identificação com o que ela denomina de ‘outra lésbica’, ou seja, um modelo de práticas e comportamentos a ser perseguido.

Denise Portinari (1989), percorre em seu livro o caminho de um discurso da homossexualidade feminina, que pode ser compreendido a partir de algumas figuras que permeiam essa compreensão comum do que é a lesbianidade. A primeira é a da terra das amazonas, que caracteriza a mulher lésbica a partir de uma “feminilidade em revolta” (p. 44).

A segunda, é o conjunto de figuras composto pela dicotomia bela-fera, passiva-ativa, em um movimento de reprodução, de certa maneira, das dinâmicas observadas nas relações heteronormativas. A fera/ativa assume uma posição tida como masculina, e a bela/passiva, posiciona-se no pólo feminino da relação. Essa é a maneira que a sociedade em geral entende que duas mulheres se relacionam. Nas matérias, percebemos que há trechos que se aproximam dessa compreensão trazida por Denise Portinari (1989), em que se constroem narrativas em torno de uma suposta aproximação dos comportamentos das lésbicas de posicionamentos sociais tidos como masculinos.

Isso está diretamente associado ao fato de que as relações sexuais e amorosas entre lésbicas se moldam a um modelo heterossexual de papéis de gênero. Os discursos hegemônicos, em geral, apresentam o entendimento de que as práticas sexuais e afetivas das lésbicas não passam de preparação para o ato sexual propriamente dito, ou seja, com um homem cisgênero. Cláudia Freitas de Oliveira (2015) afirma, então, que a sexualidade e a afetividade, no âmbito das lesbianidades, não são vistas socialmente como o desejo e interesse genuíno de uma mulher por outra, mas como um preparo para os relacionamentos de verdade, dentro de uma matriz heterossexual.

No entanto, alguns resultados que foram encontrados por nós parecem indicar outras interpretações possíveis, acerca dessas questões ligadas às práticas sexuais lésbicas. Nas análises realizadas, podemos ver alguns destaques de matérias que enfocam a questão das lesbianidades a partir da centralidade das relações sexuais, atos libidinosos e busca por prazer entre mulheres.

## **6.8 Repertórios sobre lesbofobia, preconceito e discriminação em relação às mulheres lésbicas**

As narrativas que ocuparam, e ainda ocupam, grande parte dos discursos amplamente difundidos sobre as lesbianidades, apresentam as vivências associadas a ela de maneira deturpada, baseada em estigmas e estereótipos construídos historicamente. As violências lesbofóbicas e as discriminação diversas sofridas por nós, mulheres lésbicas, estão intrinsecamente ligadas a esses sentidos produzidos e reproduzidos de maneira constante em nossa sociedade.

Luiz Mott (1987) percorreu a história de nosso país desde a invasão portuguesa até a década de 1980, ao longo de seu livro sobre a lesbianidade no Brasil. Ele traz informações acerca de mulheres lésbicas que foram condenadas pela igreja católica e pela lei da época, por conta de suas práticas afetivo-sexuais. Segundo o autor, até o ano de 1646 essas mulheres eram condenadas pelo crime de sodomia.

Cláudia Freitas de Oliveira (2015), também traça um histórico acerca das lesbianidades no Brasil, afirmando que nos séculos XIX e XX a homossexualidade passou a ser assunto da medicina, deixando de ser considerada pecado/crime, passando a ser vista como uma doença mental. Luiz Mott (1987) também apresenta em sua obra diversas produções científicas sobre saúde pública e moral, com datas que remontam até 1872, nas quais há a divulgação dos perigos para a sociedade das relações sexuais entre duas mulheres. Relacionar-se com outra mulher pode caracterizar também, no bojo desses discursos, um desvio de caráter (Oliveira, 2015).

Construímos análises que corroboram as reflexões apresentadas por esses autores, contendo trechos de matérias em que se verifica como esses sentidos que foram sendo produzidos sobre as lesbianidades, colocando-a em um lugar de pecado, doença, crime e/ou desvio de caráter, ainda estavam presentes na compreensão dispensada ao tema na década de 1980.

Também observamos diversas falas em que se percebe a maneira estigmatizante com que as vivências lésbicas são tratadas. O uso de termos como imoral, anormal, doentio, anomalia, bizarrice denota que os repertórios construídos ao longo da história, a partir dos discursos da igreja, da justiça, da medicina e da psicologia continuaram a ser reproduzidos até pelo menos a primeira metade dos anos de 1980.

Isso pode ser exemplificado a partir do que Luiz Mott (1987) afirma, com relação aos discursos médico e criminalista, que se empenharam em catalogar e categorizar as características e comportamentos das mulheres lésbicas no século XIX. A associação entre agressividade e violência ao comportamento esperado dessas mulheres remonta a esse período, em que havia a descrição detalhada de rompantes de raiva e violência protagonizados por lésbicas. O estereótipo da lésbica ciumenta, possessiva e violenta parece decorrer desses fatos.

### **6.9 Narrativas sobre iniciativas de atuação política protagonizadas por mulheres lésbicas veiculadas nestes jornais**

Em nossas análises, percebemos um silenciamento nas matérias de jornais selecionadas, com relação a iniciativas de atuação política de mulheres lésbicas, principalmente em um contexto local. Nenhuma matéria mencionou sobre organizações políticas ou sociais de mulheres no território pernambucano, e quase não houve menções a movimentos nacionais, também.

As narrativas que localizamos, as quais traziam algumas informações sobre participação política, ou atuação em movimentos sociais, falavam principalmente sobre experiências de fora do país, e com foco mais constante no movimento feminista, apesar de haver alguns trechos sobre o movimento de mulheres homossexuais na Itália, por exemplo. Essa aproximação entre o movimento lésbico e o movimento feminista parece dialogar com o que Denise Portinari (1989) traz em seu livro, sobre a questão do silêncio acerca da homossexualidade feminina que é entremeada por falas que associam lesbianidade e feminismo. Para ela, ao se entremear com o discurso do feminismo, a homossexualidade feminina deixa, de certa maneira, de ser silenciosa.

Porém, como afirma Núbia Carla Campos (2014), essa aproximação entre a militância lésbica e os grupos feministas não ocorria sem atritos, e muitas vezes as demandas específicas das mulheres lésbicas não eram levadas em consideração dentro do movimento feminista, protagonizado por mulheres heterossexuais. Podemos refletir sobre a invisibilidade construída em torno da atuação política lésbica nas matérias analisadas, ao associar de maneira intrínseca esses dois movimentos, como se fossem homogêneos entre si, apesar de reconhecer a importância do acolhimento do movimento feminista às lésbicas, antes do movimento lésbico se constituir de fato.

Uma das poucas menções ao movimento lésbico propriamente dito era um texto curto, uma reprodução de uma convocação feita pelo GALF para a participação de mulheres lésbicas poetisas de um concurso de poesias sáficas. Chama a atenção esse fato, pois nos anos de 1980, o GALF já era um movimento independente, organizado e exclusivamente formado por mulheres, e tinha alcance nacional com seus boletins Chanacomchana (Batista, 2020; Campos, 2014; Facchini, 2010).

É possível analisar essa questão a partir do entendimento de que as mídias visibilizam e invisibilizam certas pautas, grupos e práticas discursivas, de acordo com os efeitos que pretendem provocar, e os sentidos que tem intenção de colocar em circulação. Apesar da relevância política e social do GALF e de outras iniciativas de militância lésbica no país, a mídia hegemônica de ampla circulação escolheu silenciar sobre tal assunto.

É também relevante trazer a questão da ausência de menções ao GATHO nas matérias. Talvez essa lacuna esteja relacionada ao fato de que não havia militantes lésbicas envolvidas de maneira formal na sua fundação e institucionalização (Santos, 2021). Mas podemos também nos questionar se o silenciamento sobre o GATHO e sua atuação política no estado pode estar relacionada ao fato de não se construírem narrativas na mídia sobre a militância lésbica, não havendo assim um contexto discursivo no qual o GATHO pudesse ser mencionado, nas matérias que selecionamos para analisar. O fato de o movimento lésbico em Pernambuco só ter começado a se institucionalizar a partir da década de 1990 (Lemos, 2019), também pode contribuir para essas invisibilidades nas matérias de jornal.

#### **6.10 Vozes/interlocutores e posições em jogo identificadas nas matérias sobre lesbianidades**

Uma vez que trabalhamos com 110 matérias de jornal, existe uma grande diversidade de vozes, interlocutores e posições identificadas. No entanto, conseguimos apreender certas categorias de vozes e posições que foram acionadas com mais frequência nessas matérias. Como já falamos anteriormente em nosso texto, os principais discursos construídos sobre as lesbianidades, responsáveis em grande medida pela (re)produção de estigmas e estereótipos acerca das vivências lésbicas são o discurso religioso, o discurso jurídico e criminalista, e o discurso médico e da psicologia (Mott, 1987; Oliveira, 2015).

Em nossas análises das matérias de jornais pernambucanos percebemos, principalmente nas matérias que traziam repertórios associados à lesbofobia e à discriminação das lesbianidades, as instituições médicas, mas também figuras de profissionais que escreveram sobre a sexualidade humana serem acionadas de forma a dar legitimidade às narrativas apresentadas.

Em uma matéria em que há a entrevista com um juiz de futebol, ele cita o psicanalista Sigmund Freud para afirmar que não tem preconceito com pessoas que sofrem de anomalias sexuais, tais como as lésbicas. Em outras matérias essa compreensão da lesbianidade como doença também ocorre, mesmo sem que pessoas específicas sejam acionadas. Mas os repertórios que permeiam os discursos das instituições médicas podem ser identificados, de forma a tornar cientificamente legítimas as narrativas lesbofóbicas.

As instituições de justiça, seja tribunais, seja a polícia, seja a menção a um profissional específico, como juízes e delegados, aparecem de maneira repetida em matérias que têm como objetivo falar sobre crimes cometidos por mulheres lésbicas. Seja no questionamento pela ausência de reação frente a um estupro, levando a polícia a duvidar da sexualidade da vítima, seja na exacerbação de detalhes sobre a violência dos crimes praticados, essas pessoas e instituições são acionadas a produzir verdades sobre as mulheres lésbicas envolvidas nos casos descritos.

A igreja também se fez presente nas matérias que selecionamos, como instituição, mas também pessoalizada nas figuras de padres, freiras e outras posições associadas à religião. Como afirmamos ao longo de nosso texto, a visão de que a lesbianidade é um pecado não ficou restrita à época da invasão portuguesa. Pelo contrário, os discursos produzidos na época dos julgamentos ligados à inquisição ainda circulam em nossa sociedade, com as devidas transformações de acordo com o contexto histórico, cultural e social.

Por fim, mas não menos importante, conforme afirma Bruna Rodrigues (2011), a mídia ao longo do tempo deu visibilidade principalmente a caricaturas, estereótipos e imagens estigmatizantes sobre as lesbianidades, segundo os quais a mulher lésbica posiciona-se socialmente desde um lugar associado à masculinidade. Isso pode ser observado na quantidade de matérias sobre a música Maria Sapatão.

O refrão da música reafirma esse lugar da masculinidade, ao dizer que de noite, a Maria vira João. Essa marchinha de carnaval, que foi gravada em 1981, foi tão marcante que teve uma

regravação em 1984, e continuou a figurar em todas as paradas de sucesso durante o período carnavalesco da primeira metade da década de 1980.

Mas o fato que talvez denote a importância do discurso midiático para a produção de sentidos na sociedade é as matérias que falavam sobre a música citavam, primeiramente, seu intérprete: Chacrinha, um dos apresentadores de TV de maior sucesso na história do Brasil. A posição ocupada por ele, de comunicador em massa, pode explicar, para nós, o alcance que a música e, conseqüentemente, o estereótipo da sapatão teve e ainda tem até hoje.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu não estou nem aí para a minha reputação  
 Você está vivendo no passado, esta é uma nova geração  
 Uma garota pode fazer o que ela quer fazer  
 e é isso que eu vou fazer  
 E eu não estou nem aí para minha má reputação  
 Oh, não (não, não, não, não, não, não, não)  
 Não eu (eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)*

*E eu não estou nem aí para a minha reputação  
 Nunca disse que eu queria melhorar minha condição social  
 E eu estou bem apenas quando estou me divertindo  
 E eu não tenho que agradar ninguém  
 E eu não estou nem aí para minha má reputação  
 Oh, não (não, não, não, não, não, não, não)  
 Não eu (eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)*

*Eu não estou nem aí para a minha reputação  
 Eu nunca tive medo de qualquer divergência  
 E eu realmente não me importo se você acha que sou estranha  
 Eu não vou mudar  
 E eu nunca vou me importar com a minha má reputação  
 Oh, não (não, não, não, não, não, não, não)  
 Não eu (eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)*

*Pedais, garotos!  
 E eu não estou nem aí para a minha reputação  
 O mundo está em problema, não há comunicação  
 E todos podem dizer o que eles querem dizer  
 Nunca melhora, de qualquer forma  
 Então, por que eu deveria me importar com a minha má reputação  
 De qualquer forma?  
 Oh, não (não, não, não, não, não, não, não)  
 Não eu (eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)*

*Eu não estou nem aí para a minha má reputação  
 Você está vivendo no passado, esta é uma nova geração  
 E eu apenas me sinto bem quando eu não tenho dor  
 E é assim que eu vou ficar  
 E eu não estou nem aí para a minha má reputação  
 Oh, não (não, não, não, não, não, não, não)  
 Não eu (eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)  
 Não eu, não eu  
 Não eu!*

Tradução livre de "Bad Reputation" (Joan Jett)

No final da década de 1970 e começo dos anos 1980, em *Bad Reputation*, Joan Jett, lésbica assumida (como se costumava dizer), falava e repetia em alto e bom som: “Eu não estou nem aí para a minha má reputação”.

Nascida em 1958 (hoje tem 65 anos), Joan Jett inseriu estéticas lésbicas no rock e contribuiu para retirar o amor entre mulheres da clandestinidade na cena musical. Cantora, compositora, guitarrista, baixista, produtora musical e atriz norte-americana, teve sua primeira aparição como atriz (junto com sua banda, os Blackhearts), em 1981, nas cenas de um concerto ao vivo, que integraram o filme “Urgh! A Music War”. Neste filme, ela performava “Bad Reputation”<sup>6</sup>.

Joan Jett é conhecida mundialmente principalmente pela canção "I Love Rock 'n Roll",<sup>7</sup> que ficou no 1º lugar da Billboard de 30 de março até 1 de maio de 1982, além de ser considerada pela Billboard a 28ª melhor música de todos os tempos.

No Brasil, inclusive, a cena lésbica teve uma forte expressão nos movimentos culturais, especialmente na música. Impulsionadas pela tensão política da década de 1980, em nosso país, as mulheres, mesmo sem muitas vezes poderem dizer com todas as palavras sobre sua orientação sexual, pregavam a liberdade sexual. Maria Bethânia, Ângela Ro Ro e Marina Lima foram nomes que tocavam nas rádios de todas as famílias brasileiras e se relacionavam com outras mulheres.

É neste contexto sociocultural em que as matérias jornalísticas analisadas nesta dissertação se situavam. Um cenário em que a invisibilidade se constitua como norma e que poucas, mas potentes eram as brechas que enunciavam o afeto e sexualidade entre mulheres.

Contudo, mais do que falar sobre invisibilidades, esse trabalho buscou questionar sobre quais visibilidades e invisibilidades existem com relação às produções discursivas sobre as lesbianidades. O que se observou com a análise das matérias é que sim, falava-se sobre o assunto. A questão é: quem e como se falava?

Os repertórios identificados nas matérias corroboram com as reflexões trazidas pelos autores e autoras constantes na revisão de literatura, com a presença da imagem da lésbica masculina, a desconsideração das experiências afetivas das mulheres lésbicas e o imperativo moral dos discursos religiosos, médicos e jurídicos que construíram historicamente o estigma acerca dessa orientação sexual.

---

<sup>6</sup> Vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=x6fB8KMUz0>

<sup>7</sup> Vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=wMsazR6Tnf8>

O fato é que conviviam expressões diversas e diferentes tons. Desde a tentativa de enunciação “por elas mesmas” à uma música que fazia piada com a sexualidade lésbica, sendo tema mais repetido nas matérias fazendo-nos pensar em como a lesbianidade, conforme advogado no primeiro capítulo do texto, não era (e ainda não é) considerada inteligível. Não sendo inteligível, ela só encontra eco em piadas, em fantasias, temas de troça e mote para música de carnaval. Não à toa, a música de tanto sucesso era cantada por um dos maiores comunicadores da TV brasileira, nascido em Pernambuco e nacionalmente conhecido, e ainda persiste no imaginário social, mesmo com todas as reações adversas.

Essa dissertação não conseguiu, e primeiramente, não se propôs a esgotar o tema, nem a dar conta de analisar todas as narrativas e repertórios presentes nos jornais pernambucanos de 1980. Esse trabalho é um ponto de partida, uma abertura de possibilidades para que o tema possa continuar sendo explorado futuramente.

Lendo/analizando e se afetando com as matérias, fomos fortalecendo a convicção de que construir narrativas plurais sobre lesbianidades, especialmente a partir do lugar de quem experimenta os efeitos da abjeção, é uma tarefa difícil, mas necessária, na busca de romper com a perpetuação de estigmas, estereótipos e preconceitos que reverberam na nossa sociedade de maneira histórica.

Ao mesmo tempo, nos surpreende a invisibilidade do tema também na produção científica. A escassez de trabalhos que se propusessem a analisar a relação entre as narrativas das mídias e as lesbianidades tornou árduo o trabalho desempenhado, desde a elaboração do projeto, até a execução de fato da pesquisa, uma vez que foi necessário fazer costuras entre diferentes textos que ora enfocavam a lesbianidade, ora enfocavam as mídias. As poucas produções que tinham por objetivo analisar essa relação não traziam a questão da mídia jornalística, mas produções televisivas como novelas, séries e filmes.

Não podemos esquecer que há certas especificidades inerentes a cada tipo de veiculação, o que por vezes tornou difícil o exercício de traçar analogias e aproximações entre as narrativas presentes nas matérias de jornal e as produções discursivas advindas de outros meios de comunicação.

De toda forma, a construção dessa pesquisa nos fez perceber o quanto ainda há para se desenvolver sobre o tema das lesbianidades, que não se resume a discussões sobre invisibilidade, como acreditava durante a escrita do pré-projeto. Existem amplas possibilidades

de trabalho sobre esse campo-tema, e nos últimos anos vem ocorrendo uma expansão no número de pesquisas com esse foco, principalmente por parte de pesquisadoras, em diversas áreas do conhecimento.

Isso demonstra que as pesquisas sobre lesbianidades não abordam um tema superado. Pelo contrário, ainda é absolutamente necessário produzir conhecimento sobre o assunto, uma vez que as discriminações e violências por nós sofridas ainda são fatos cotidianos. Vide casos de homicídios perpetrados contra meninas e mulheres lésbicas, que foram noticiados durante a construção desse texto, como o caso de Carol Campêlo, no estado do Maranhão<sup>8</sup>.

O intuito inicial da dissertação era analisar os repertórios dos três jornais pernambucanos que estavam em circulação na primeira década de 1980, porém a impossibilidade de revisitar o acervo no APEJE, por restrições de funcionários na instituição, causou uma frustração considerável. Além disso, fez com que tivéssemos que reorganizar nossas análises com foco apenas nos acervos disponibilizados de maneira virtual. A análise das matérias do Diário da Noite, em pesquisas futuras, mostra-se como uma possibilidade de dar seguimento as reflexões construídas nessa dissertação.

Não obstante, a presente dissertação não trouxe para o debate mídias produzidas pelo movimento feminista da década de 1980. Mas as questões e diálogos abertos na construção desse trabalho abrem a possibilidade de analisar essas produções em pesquisas futuras.

Por fim, compreender as narrativas e sentidos construídos sobre nós, mulheres lésbicas, no contexto em que começaram a surgir as primeiras iniciativas de organização dos movimentos homossexual e lésbico brasileiro oportunizou entender melhor os caminhos percorridos pelo movimento por direitos LGBTQ+ desde então. Isso é especialmente importante para compreender quais as minhas possibilidades enquanto ativista que participa do Fórum LGBTQ de Pernambuco, e que outros espaços políticos podem ser acessados a partir dos conhecimentos que foram construídos ao longo dessa pesquisa de mestrado.

---

<sup>8</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/10/um-mes-do-assassinato-de-jovem-lesbica-no-maranhao-motiva-atos-em-todo-o-pais-contr-a-lesbocidio>

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marília Gabriella Torres de. **A Psicologia fora do armário: contribuições com as estratégias governamentais de promoção de direitos e enfrentamento à LGBTfobia em Pernambuco.** 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33798>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ARAGAKI, Sérgio Seiji; PIANI, Pedro Paulo; SPINK, Mary Jane. Uso de repertórios linguísticos em pesquisa. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 229-246. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

BATISTA, Letícia Emília. **Chanacomchana: um sopro do lesbianismo paulista nos anos de 1980.** 2020. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23360>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BORGES, Lenise Santana. Mídia e lesbianidade: uma análise sobre posicionamentos na telenovela Senhora do Destino. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora, v. 4, n. 1, p. 60-72, jun. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202011000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 dez. 2023.

BORGES, Lenise Santana; RIBEIRO, Flávia Regina Guedes. Jornal como objeto de pesquisa socioconstrucionista. In: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/>. Acesso em: 24 dez. 2023.

CAMPOS, Núbia Carla. **A lesbianidade como resistência: a trajetória dos movimentos de lésbicas no Brasil 1979-2001.** 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/14962>. Acesso em: 20 dez. 2023.

DA SILVA DARDE, Vicente William. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**, v. 14, n. 2, p. 223-234, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4731>. Acesso em: 25 jul. 2023.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, 22 set. 2010. Disponível em: [Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico | Cadernos AEL \(unicamp.br\)](http://www.unicamp.br/CadernosAEL/article/view/10181922). Acesso em: 22 dez. 2023.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?. **E-Compós**, v. 12, n. 2, 26 out. 2009. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/214>. Acesso em: 27 dez. 2023.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; GALINDO, Dolores; REIS JÚNIOR, Leandro Passarinho; MOREIRA, Marcelo Moraes; BORGES MAGALHÃES, Amanda Gabriella. Análise documental: algumas pistas de pesquisa em psicologia e história. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 3, p. 461-469, 30 set. 2015. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/27417/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

LEMOS, Ana Carla da Silva. **Movimentos de lésbicas de Pernambuco: uma etnografia lésbica feminista**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38040>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (org) **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. Disponível em: [https://www.dropbox.com/s/8doiy1qqvef7z0s/Spink\\_Praticas\\_discursivas\\_e\\_producao\\_FINAL\\_CAPA\\_NOVA.pdf](https://www.dropbox.com/s/8doiy1qqvef7z0s/Spink_Praticas_discursivas_e_producao_FINAL_CAPA_NOVA.pdf). Acesso em: 27 dez. 2023.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. In: Charles Elias Lang; Jefferson de Souza Bernardes; Maria Auxiliadora

Teixeira Ribeiro; Susane Vasconcelos Zanotti. (org). **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. 1ed. Maceió: EDUFAL, 2015, v. 1, p. 85-118. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/8cqodptv3gi8w0z/Medrado-Lyra-Cap%C3%ADtulo-analises.pdf?dl=0>. Acesso em: 27 dez 2023.

MEDRADO, Benedito; LEITE, Jáder Ferreira; COELHO, Daniel; COSTA, Juliana; SOUZA, Túlio Vinícius Andrade; TEIXEIRA, Luiz Henrique Coelho de Siqueira; SANTANA, Maria Conceição Martins; CAVALCANTI JUNIOR, Jackson. Dimensão da política na institucionalização do movimento LGBT em Pernambuco-Brasil. **Athenea Digital. Revista de pensamento e investigación social**, v. 22, n. 3, p. e3254-e3254, 2022. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/download/v22-n3-medrado-leite-coelho-et-al/1906?inline=1>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MEDRADO, Benedito; SILVA, Wanderson Vilton Nunes da; NASCIMENTO, Arles Monaliza Rodrigues; ANDRADE; Maríllia Gabriella Torres de; SONDAHL, Naylla; CORDEIRO, Maria Vitória Pereira; CAVALCANTI JUNIOR, Jackson. Sindicato das bichas?! O Gatho entre memórias e invisibilidades em produções jornalísticas na redemocratização. **Revista Psicologia Política**, v. 23, n. 58, 2023. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpp/article/view/23323>. Acesso em: 02 mar. 2024.

MÉLLO, Ricardo Pimentel; SILVA, Alyne Alvarez; LIMA, Maria Lúcia Chaves; DI PAOLO, Angela Flexa. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 26–32, set. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/MQMyqKPsdBwf5WTFfM6FFPJ/#>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NÓBREGA, Camila. **O dia para desafiar a invisibilidade lésbica na mídia e na sociedade**. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-dia-para-desafiar-a-invisibilidade-lesbica-na-midia-e-na-sociedade/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les**

Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20169>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RODRIGUES, Bruna Mariano. Mídia e Sexualidade: a relação lésbica na revista TPM. **Sexualidade, Saúde e Sociedade Revista Latino-Americana**, [S.l.], n. 9, p. 91-108, dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/1912>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SANTOS, Émerson. Entrando na Arena Institucional: Um estudo do Movimento Homossexual em Pernambuco na década de 1980. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 4, n. 14, p. 109–135, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12270>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SANTOS, Émerson Silva. Surgimento do grupo de atuação homossexual (gatho): uma análise das primeiras experiências de organização política do movimento LGBT em pernambuco. **E-Book Cinabeh: Políticas Da Vida: Coproduções De Saberes E Resistências (Volume 01)**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74971>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SANTOS, Émerson Silva. Organização Política das Dissidências Sexuais e de Gênero em Pernambuco: construindo memórias das experiências do GATHO. **Historiæ**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 90–113, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/13048>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SASSE, Carolina. Homossexualidade feminina e a visibilidade. **Psico.usp: A revista sobre pesquisas do Instituto de Psicologia da USP**, São Paulo, n. 2/3, p. 45-49, jul. 2016. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/revistapsico.usp/index.php/25-sociedade-2/55-homossexualidade-feminina-e-e-visibilidade.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. Sobre a (homo)sexualidade nos meios de comunicação (1980-2010). **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 240-245, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1821>. Acesso em: 13 dez. 2023.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/w9q43>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org) **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. Disponível em: [https://www.dropbox.com/s/8doiy1qqvef7z0s/Spink\\_Praticas\\_discursivas\\_e\\_producao\\_FINAL\\_CAPA\\_NOVA.pdf](https://www.dropbox.com/s/8doiy1qqvef7z0s/Spink_Praticas_discursivas_e_producao_FINAL_CAPA_NOVA.pdf). Acesso em: 27 dez. 2023.

SPINK, Peter; RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira; CONEJO, Simone Peixoto; SOUZA, Eliete de. Documentos de domínio público e a produção de informações. In: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/>. Acesso em: 21 dez. 2023.